

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Leonardo Antônio Solana Cassol

A construção de um sentido para a América no *Repertorio de los Tiempos* de Enrico Martínez, 1606

Florianópolis

2020

Leonardo Antônio Solana Cassol

A construção de um sentido para a América no *Repertorio de los Tiempos* de Enrico Martínez, 1606

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História
Orientador: Prof. Dr. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da
UFSC.

Solana Cassol, Leonardo Antonio

A construção de um sentido para a América no
Repertorio de los Tiempos de Enrico Martínez, 1606 /
Leonardo Antonio Solana Cassol ; orientador, Waldomiro
Lourenço da Silva
Júnior, 2020.
68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em
História, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. História. 2. História. 3. História da América Colonial.
4. Cosmografia. I. Silva Júnior, Waldomiro Lourenço da .
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação
em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 29 dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte, às 17 horas, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior (Orientador e Presidente); Profª. Tiago Kramer de Oliveira (Titular); Prof. Rodrigo Bragio Bonaldo (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 50/HST/CFH/2020, a fim de argüirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Leonardo Antônio Solana Cassol, intitulado: "A construção de um sentido para a América no Repertório de los Tiempos de Enrico Martínez, 1606". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas: Prof. Waldomiro Lourenço da Silva Junior, nota 10,0, Prof. Tiago Kramer de Oliveira, nota 10,0, Prof. Rodrigo Bragio Bonaldo, nota 10,0, sendo o acadêmico aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 15 dezembro de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 29 de outubro de 2020

Prof.
(Orientador):  Documento assinado digitalmente
Waldomiro Lourenço da Silva Junior
Data: 01/11/2020 12:15:46-0300
CPF: 299.383.808-32

Profª.
(Titular):  Documento assinado digitalmente
Tiago Kramer de Oliveira
Data: 03/11/2020 06:47:09-0300
CPF: 002.401.621-70

Prof.(Suplente):  Documento assinado digitalmente
Rodrigo Bragio Bonaldo
Data: 01/11/2020 15:28:44-0300
CPF: 006.985.030-58

(Candidato(a))  Documento assinado digitalmente
Leonardo Antonio Solana Cassol
Data: 01/11/2020 13:27:50-0300
CPF: 090.970.419-88



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina FONE (048)
3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico **Leonardo Antônio Solana Cassol**, matrícula n.º **15101729**, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **A construção de um sentido para a América no *Repertorio de los Tiempos* de Enrico Martínez, 1606**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 14 de dezembro de 2020.



Documento assinado digitalmente
Waldomiro Lourenco da Silva Junior
Data: 14/12/2020 11:39:52-0300
CPF: 299.383.808-32

Orientador

AGRADECIMENTOS

Começo expressando minha gratidão a meus pais Luís César Cassol e Maria Julia Vega Solana Cassol, pelo incansável apoio emocional que me concederam durante toda minha vida, por toda a ajuda nas situações mais difíceis deixo meu mais profundo obrigado e o desejo de retribuir tudo que fizeram por mim. Tudo de bom em mim começou com vocês.

A Universidade Federal de Santa Catarina, que, apesar de todos os problemas e contradições, ofereceu-me ao longo de minha graduação tanto um ambiente de grande aprendizado como também de amadurecimento e crescimento como pessoa e cidadão.

Deixo um agradecimento especial a professora Claricia Otto por toda a paciência com a qual ajudou-me no decorrer do meu período de estágio obrigatório o qual foi certamente o momento mais difícil dessa breve trajetória acadêmica.

Ao curso de história e todos os seus professores agradeço por compartilharem o que tanto aprenderam em suas trajetórias pessoais e profissionais as quais tenho o mais sincero respeito e admiração. Em especial agradeço aos professores Tiago Kramer e a meu orientador Waldomiro Lourenço da Silva Júnior, por terem despertado meu interesse pelo campo de História da América Colonial. Ao professor Waldomiro fica também o profundo agradecimento pela maneira como me orientou, por todos os apontamentos e sugestões que tornaram possível e enriqueceram esse trabalho.

A todos os colegas e amigos com quem compartilhei minha graduação, por todos as conversas e momentos de lazer, pelas discussões que ampliaram meus horizontes deixo aqui minha gratidão.

RESUMO

O *Repertorio de los tiempos* escrito pelo cosmógrafo Enrico Martínez foi a primeira obra desse gênero publicada na América em 1606. O presente trabalho visa compreender o sentido atribuído por esse autor para o continente americano. Assim a noção de Invenção da América de Edmundo O’Gorman é usada para a entender que a ideia que constitui o *ser* do continente não existia no momento em que os europeus chegam a América, portanto foi algo que veio a se atribuir para essas terras. No entanto, diferente da perspectiva de O’Gorman esse trabalho defende que essa definição se estende e altera-se ao longo da história, sendo que o *Repertorio* é um exemplo desse processo. A argumentação desenvolvida gira em torno de três pontos fundamentais: o autor, o contexto de publicação da obra e por fim seu conteúdo. Com isso ficam evidentes quais foram os conceitos que nortearam a forma pela qual Enrico Martínez determinou a América, sendo notável a presença da religião nessa definição conforme observou-se na maneira como perspectivas de natureza espacial e temporal a respeito do continente foram articuladas.

Palavras-chave: *Repertorio de los tiempos*, Enrico Martínez, América Colonial, cosmografia, Invenção da América.

ABSTRACT

The *Repertorio de los tiempos* written by cosmographer Enrico Martínez was the first work of this genre published in America in 1606. The presente work seeks to comprehend the meaning assigned by this author to the american continent. Therefore the notion of Ivention of America by Edmundo O’Gorman is used to understand that the idea which constitutes the *being* of the continent did not exist at the moment in which europeans arrived at América, so it was something that would be assigned to this lands. However, unlike O’Gorman’s perspective this work defends that this definition extends and changes itself throughout history, being that the *Repertorio* is an example of this process. The developed argumentation revolves around three fundamental points: the author, the context which the book was published and for last it’s content. By doing this it becomes clear which were the concepts that guided the way by which Enrico Martínez determined América, being notable the presence of religion in this definition as it was observed in the way perspectives of spacial and temporal nature regarding the continent were articulated.

Keywords: *Repertorio de los tiempos*, Enrico Martínez, Colonial America, cosmograph, Invention of America.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CAPÍTULO I: Enrico Martinez um cosmógrafo dentre os <i>experts</i> da Nova Espanha	19
2.1. Os “ <i>experts</i> ” durante o processo de dilatação planetária	22
2.2. Cosmógrafo no início do século XVII	27
3. CAPÍTULO II: Um repertório cosmográfico no Novo Mundo	31
3.1. A natureza editorial do <i>Repertorio de los tiempos</i>	31
3.2. <i>Repertorio de los tiempos</i> em meio as crônicas colônias	36
4. CAPÍTULO III: Uma concepção espacial do globo e a história da Nova Espanha no <i>Repertorio de los Tiempos</i>	42
4.1. A imagem do mundo de Martinez	42
4.2. Narrativa da História da Nova Espanha no <i>Repertorio de los tiempos</i>	48
4.3. Presságios e temporalidade	53
4.4. A inserção do Novo em moldes antigos	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1. INTRODUÇÃO

A consciência a respeito das dimensões do globo foi profundamente afetada pelas Grandes Navegações. Os sujeitos históricos do período tiveram que lidar com novidades revolucionárias que colidiram com as compreensões tradicionais a respeito da geografia do mundo. Ao mesmo tempo que se discutia no esquadro do imperialismo europeu a humanidade dos povos indígenas e os postulados que justificariam a conquista, exploradores e letrados se punham a decifrar a natureza e as dimensões de territórios até então desconhecidos. Enrico Martínez foi um dos especialistas dedicados a essa tarefa. Os seus escritos serão objetos do presente estudo.

Martínez foi impressor e cosmógrafo real no Vice-Reino da Nova Espanha no início do século XVII e autor da primeira obra de cosmografia escrita e publicada na região. Datada de 1606, a peça intitulada *Repertorio de los tiempos, y historia natural desta Nueva España*¹ engloba diversos temas vinculados a astronomia, astrologia, cosmogonia, geografia, história, medicina e diversos outros aspectos que compunham a forma de pensamento característica dos cosmógrafos da primeira modernidade.

O *Repertorio de los tiempos* apresenta conceitos importantes da cosmografia europeia² no século XVII, apesar de não se intitular como tal nem apresentar elementos formais da dita ciência como, por exemplo, mapas. Essa obra aborda a constituição e ordenamento do universo a partir dos quatro elementos, a teoria dos quatro humores de Galeano, as ditas influências celestes no mundo material, concepções espaciais a respeito da disposição dos continentes no globo e uma cronologia feita de acordo com as narrativas do Evangelho. O universo é nele descrito em um modelo geocêntrico dividido em duas partes: a Região Elemental, que corresponde ao mundo que habitamos entre a terra e o céu, onde se encontra a Lua e a Região Celeste que envolve tudo aquilo que está acima do céu que observamos. Partindo desse princípio básico, o *Repertorio* foi composto por cinco tratados. No primeiro deles, *Del mundo em general, y em particular de la Region*

¹ Optamos pela utilização de uma edição do *Repertorio* publicada no século XX, pois essa contém um prefácio elaborado por Francisco de la Maza, biógrafo de Martínez, que contém informações relevantes a respeito da vida do cosmógrafo que foram utilizadas no trabalho. Dito isso foi observada a edição original, disponível na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, e não foram constatadas diferenças de conteúdo significativas entre as versões.

² Cabe destacar que fala-se em uma cosmografia europeia como uma simplificação possível pela existência de elementos em comum como as preocupações gerais da dita ciência. Dito isso a cosmografia apresentava diferentes variações dentro da própria Europa: “*This survey of European cosmography conceals complex geographical patterns: clusters of connected scholars and works differentiated by the various purposes that cosmography served and by distinctions between northern and Mediterranean countries and between Catholic and Protestant states.*” (COSGROVE, 2007, p.75)

Celeste, Martínez expõe, em linhas gerais, sua concepção do mundo em escala universal, descrevendo desde a criação até o ordenamento do universo, de modo fortemente baseado na explicação bíblica e na Segunda Escolástica. Além das narrativas bíblicas sobre esse tema, o autor também referencia filósofos gregos como Platão e Aristóteles, porém sempre ressaltando que esses, pela falta da fé Católica, chegaram a conclusões diferentes quanto à explicação da criação. Nesse ponto, a presença de Tomás Aquino torna-se notável no decorrer da obra, sendo que Martínez recomenda a leitura desse filósofo como uma “correção” aos erros dos pensadores gregos (MARTÍNEZ, 1948, p.4).

Como explícito no título desse tratado, a Região Celeste é o foco principal das descrições desenvolvidas. Logo, temas como astronomia e astrologia³ são abordados nesse trecho da obra. Em suma, Martínez apresenta os astros presentes no universo e explica e suas influências no universo das mais diversas maneiras. Nos capítulos desse tratado – *Que trata de la definicion del tiempo* e *De la division del tiempo* –, o autor ainda expressa sua concepção de tempo e o divide nas categorias que compõem o calendário gregoriano.

Em *Las partes e calidades de la region elemental*, o cosmógrafo apresenta o que chama de Região Elemental, incluindo uma história do Vice-Reino da Nova Espanha. Martínez explica como o mundo e o universo são formados pelos quatro elementos (terra, água, ar e fogo), apresentando as características de cada um. Em seguida, trata do tamanho do globo terrestre, dividindo-o em 360 graus, sendo que cada grau corresponde a aproximadamente 17,5 léguas náuticas⁴, totalizando 6.300 léguas como tamanho do globo. A partir de proporções já pré-determinadas, o cosmógrafo também atribuiu ao tamanho dos oceanos o valor de 2.004 léguas marítimas (MARTÍNEZ, 1948, p.118). Antes de abordar a Nova Espanha em específico, Martínez ainda diferenciou os quatro continentes que compõem esse mundo, apresentando características gerais de cada um, oferecendo especial atenção a “quarta parte da terra que se diz Novo Mundo”. (MARTÍNEZ, 1948, p.119)

Nesse tratado Martínez encara alguns dos problemas teológicos e cosmográficos suscitados pela descoberta do novo continente. Desde a chegada de Colombo, os letrados

³ A astronomia se refere ao ordenamento e movimento dos corpos celestes, enquanto a astrologia aborda a influência que o movimento desses astros tem no restante das partes do universo, incluindo nos seres humanos.

⁴ O valor de uma légua como unidade de medida teve diversas variações ao longo do tempo e para diferentes povos, sendo que a légua marítima era calculada a partir de observações astronômicas, cujos valores se aproximavam de 5 km para uma légua.

Europeus se viram forçados a repensar as bases do conhecimento a respeito do mundo como até então imaginavam. Uma das questões levantadas girava em torno de como pôde o Novo Mundo ser habitado. Esse problema foi colocado a partir da crença na narrativa bíblica do Dilúvio, que teria inundado essas terras comprometendo tanto a vida humana como a fauna da região. Isso explicita os problemas suscitados ao quadro mental no qual se desenvolveram as formulações europeias a respeito da compreensão desses novos elementos da realidade. Partiam-se de moldes já estabelecidos, visto que essas narrativas já existiam e não eram abandonadas, para encontrar maneiras de incluir o novo nesses quadros com maior ou menor alteração nas bases de conhecimento até então desenvolvidas.

Quanto à história da Nova Espanha, Martínez iniciou abordando as migrações dos povos indígenas e os conflitos entre esses povos que culminaram na ascensão do império Mexica, utilizando principalmente o frade Toribio de Benavente Motolinía e José de Acosta como referências⁵. Em seguida, ele detalha as expedições de Cristóvão Colombo e posteriormente o processo de conquista encabeçado por Hernán Cortés. Por fim, Martínez lista todos os vice-reis espanhóis da Nova Espanha descrevendo também os feitos mais importantes de cada uma dessas figuras no período em que exerceram essa função.

O restante dos tratados gira em torno das influências dos astros sobre as coisas da região Elemental. O terceiro, *Particularidades desta Nueva España*, menciona especificamente características da Nova Espanha, o clima, a agricultura e principalmente as populações nativas analisadas a partir da teoria dos quatro humores de Hipócrates, e posteriormente Galeno, o que leva a uma reflexão a respeito de como a saúde de um indivíduo era influenciada pelo clima e pelo movimento dos astros da Região Celeste. Isso continua no quarto tratado, *Algunas cosas de astrologia pertenecientes al conocimiento de la calidad de una enfermedad*, que aborda enfermidades no geral, destacando a relação dos humores (sangue, fleuma, bÍlis amarelo e bÍlis negro) com as mazelas que afligem uma pessoa. Também se destaca como em determinados períodos da vida, devido a ação de um corpo celeste específico, os indivíduos são mais suscetíveis a determinada doença, com maiores graus de risco.

⁵ Quanto a Motolinía: Martínez afirmava, de maneira vaga, possuir um calendário mexica compilado pelo frade. Mercedes Serna e Bernat Castany (CASTANY; SERNA, 2014, p.30) editores da versão moderna da *Historia de los indios de la Nueva España* contestam a natureza desse calendário e sua relação com a figura de Motolinía, supondo que essa fonte possa ser apenas uma crônica ou realmente se trata de um calendário, porém que nunca pertenceu a Motolinía. Independente da veracidade dessas versões, é notável que a obra desse cronista teve influência sobre a escrita do *Repertorio*.

O último tratado, intitulado *Discurso hecho sobre la magna conjunción de los planetas Júpiter y Saturno*, aborda principalmente os efeitos que determinados astros tiveram tanto nos humanos, via a influência nos humores, quanto em impérios como um todo, afetando sujeitos específicos como um monarca, por exemplo, e assim, indiretamente, gerando consequências para seus súditos. Martínez aborda, ainda nesse tratado, a história e características da expansão do Império Turco Otomano e transcreve alguns prognósticos que apontavam para a queda daquele Império. Por fim, o autor traz uma relação de eventos notáveis tanto na Nova Espanha quanto nos reinos de Castela e no mundo, em especial nas regiões onde a coroa espanhola se fazia presente, entre os anos de 1520-1590.

A análise desenvolvida no presente trabalho sobre o *Repertorio de los tiempos* tem como inspiração o estudo realizado pelo historiador mexicano Edmundo O’Gorman no seu livro *A invenção da América* (1992). Com base na ontologia heideggeriana e em um cuidadoso exame das fontes, o autor acompanha o processo histórico de tomada de consciência a respeito dos traços constituintes do Novo Mundo. A expansão marítima europeia demonstrou que ainda havia espaços desconhecidos nas antigas formulações cosmográficas fortemente embasadas em ideias da Antiguidade Clássica, especialmente de Ptolomeu⁶, criando assim o problema da definição e inserção da América nos quadros cosmográficos e também teológicos então vigentes. De forma semelhante, o que se pretende aqui é entender a construção da imagem acerca do novo continente no *Repertorio de los tiempos*. Portanto, procura-se compreender como um trabalho cosmográfico como o de Martínez redefiniu uma imagem de mundo de então. Também, examina-se a forma como o autor busca inserir esse continente e sua história, em especial através das descrições da Nova Espanha, dentro da narrativa de uma pretensa história universal.

As reflexões de O’Gorman são sugestivas para o desenvolvimento desse trabalho visto que ampliam a gama de interpretações a respeito da construção de um sentido atribuído para o continente americano. Ao desenvolver a crítica à ideia de Descobrimento pelo método de *reductio ad absurdum*⁷, o autor estabelece quais os critérios seriam

⁶ A obra de Ptolomeu não pode ser pensada como algo uniforme, visto sua *Geografia* chegou a Modernidade através de diversas traduções diferentes que muito acrescentaram em conteúdo e em mapas, ao ponto que se questiona se Ptolomeu desenhou algum desses mapas, sendo que muitos que tipicamente são colocados fora da concepção de Ocidente europeia são responsáveis por esses acréscimos (BROTTON, 2014, p.22-23). A principal noção recorrente é a ideia do *orbis terrarum*, que será descrito no decorrer desse trabalho.

⁷ Em português redução ao absurdo é, conforme o *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano (ABBAGNANO, 2007, p.18), uma forma de argumentação lógica onde assume-se uma hipótese com a

necessários para que essa interpretação fosse possível. A noção de Descobrimento, segundo o autor, pressupõe revelação imediata e consciência plena sobre as dimensões e a natureza do território imediatamente após a chegada de Colombo. Factualmente essa tese perde força, visto que o projeto de Colombo visava puramente a Ásia conforme os registros deixados pelo navegador que demonstram que ele acreditava ter chegado ao continente asiático na famosa viagem. Mesmo que fosse possível aceitar essa perspectiva por si própria, como fizeram correntes do idealismo alemão que viam a importância do fato não na intenção de Colombo mas nos avanços de uma época “uma intencionalidade imanente à história” (O’GORMAN, 1992, p.51), ainda deve-se levar em conta outra questão que reforça os problemas da tese do Descobrimento: a existência do *ser* América.

Temos aqui uma reflexão ontológica, que considera a existência de algo a partir de sua inserção em um determinado contexto cultural. Nesse sentido, os atributos físicos do continente não são suficientes para definirem a existência da América. Sob tal enfoque, a noção de Descobrimento parece ilógica, pois presume que as qualidades que compõem o continente americano já existiam de maneira inata, antes mesmo da chegada dos espanhóis. Tal ideia é descartada por O’Gorman, por parecer-lhe impossível aceitar que esse ser metafísico já se encontrava plenamente estabelecido no evento da chegada de Colombo (O’GORMAN, 1992, p.65). As noções que deram a essas porções de terra a identidade em questão são fruto da ideia de “Invenção da América”, que é desenvolvida por O’Gorman como um processo que se estende pelo século XVI e transcende questões puramente americanas, sendo majoritariamente fruto da reação dos quadros teóricos europeus.

Esse foco na perspectiva europeia leva autores das vertentes pós-coloniais e decoloniais a criticar a noção de Invenção da América por seu caráter profundamente eurocêntrico, onde o sentido atribuído ao continente acaba sendo definido e imposto por processos desenvolvidos puramente nos quadros teóricos europeus. Por exemplo, o filósofo argentino Enrique Dussel na conferência “De la ‘invencion’ al ‘descobrimento’ del Nuevo Mundo”, presente na obra *1492 El encubrimiento del Otro: hacia el origen del "mito de la modernidad"* (1994), caracteriza o trabalho de O’Gorman como uma expressão de um “eurocentrismo ontológico” (DUSSEL, 1994, p.31). Nesse trabalho Dussel diferencia as noções de invenção, descobrimento, conquista e colonização

intenção de refuta-la. Para isso argumenta-se com o objetivo de demonstrar que as consequências dessa hipótese são impossíveis de forma a evidenciar as contradições internas da premissa em si e consequentemente refutando sua admissão como verdadeira ou possível.

entendendo-as como etapas sucessivas dentro do processo histórico que levou a construção do eurocentrismo.

Para o presente estudo interessa-nos pontuar a diferenciação feita pelo filósofo argentino entre invenção e descobrimento. Para Dussel a invenção existiu apenas dentro do contexto das viagens de Colombo, onde o navegador conferiu as novas terras um *ser* asiático que “*sólo existió en el ‘imaginario’ de aquellos europeos renacentistas*” (DUSSEL, 1994, p. 29). O descobrimento se refere ao processo que se inicia com as viagens de Américo Vesputio, sendo portanto posterior a invenção, e implicou na definição das terras como um “Novo Mundo” e de seus habitantes como o “Outro”, de forma que se inicia a formação de uma imagem da Europa como o “Centro”, colocando o restante dos continentes como “Periferia” (DUSSEL, 1994, p. 172). Assim, tal processo implica em mudanças substanciais nos horizontes ideológicos europeus:

“Des-cubrir’’, entonces, y esto aconteció histórica o empíricamente de 1502 a 1507, es el constatar la existencia de tierras continentales habitadas por humanos al este del Atlántico hasta entonces totalmente desconocidas por el europeo, lo cual exige ‘abrir’ el horizonte ontológico de comprensión del ‘mundo de la vida cotidiana (Lebenswelt)’ europeo hacia una nueva ‘comprensión’ de la historia como Acontecer Mundial (weltliche Ereignis), planetário.” (DUSSEL, 1994, p. 35-36)

A crítica quanto ao caráter eurocêntrico da obra de O’Gorman deve-se ao fato de que o conteúdo da invenção apresentada pelo historiador considera que a América existe a imagem e semelhança da Europa, de forma que a figura do “Outro” acaba sendo ignorada⁸ (DUSSEL, 1994, p. 31). Conforme Dussel:

Para O’Gorman, en su fundamento ontológico, dicha experiencia no es un “descubrimiento” de lo nuevo, sino, simplemente, el reconocimiento de una materia o potencia donde el europeo comienza a “inventar” su propia “imagen y semejanza”. América no es descubierta como algo que resiste distinta, como el Otro, sino como la materia a donde se le proyecta “lo Mismo”. No es entonces la “aparición del Otro”, sino la “proyección de lo Mismo”: “encubrimiento1”. Tesis eurocéntrica expresada, pero real en cuanto hecho histórico de dominación, aún contra el querer de O’Gorman (DUSSEL, 1994, p. 35)

Uma maneira de superar o problema do eurocentrismo se dá pelo reconhecimento dos múltiplos sentidos conferidos a América no decorrer de sua história. Assim pode-se

⁸ Ao propor um novo sentido para a ideia de invenção Dussel faz um jogo com as palavras encobrir e desencobrir (em espanhol e nas palavras do autor: *en-cubrir* e *des-cubrir*) que giram em torno da figura do “Outro”. Ou seja, sendo a invenção a perspectiva asiática quanto ao ser das terras que Colombo chegou, seus habitantes são vistos como parte do mundo já conhecidos, logo o “Outro” encontra-se encoberto. Logo, o descobrimento implica no reconhecimento de que os achados, tanto as terras quanto seus habitantes, são algo novo, portanto passam a ser vistos como o “Outro”. (DUSSEL, 1994, p. 31).

perceber que mais que uma identidade conferida unilateralmente pelos europeus a constituição do *ser* América é uma construção que se estende por toda a história do continente americano com diversas perspectivas dos atores envolvidos no processo em questão, sendo importante reconhecer a própria noção que os habitantes desse continente têm de si mesmos e das terras que habitam. É importante ressaltar que reconhecemos que esse trabalho não apresentará esses habitantes, em nosso caso os Mexicas, com esse protagonismo visto que optamos pela análise de uma fonte que, como buscaremos demonstrar, é fruto de uma concepção de mundo bastante restrita a perspectiva europeia.

Ainda assim esperamos que ao destacar os quadros teóricos que construíram as bases do *Repertorio de los tiempos* seja possível refletir quanto a uma possibilidade específica, dentre muitas outras existentes, de sentido atribuído a América. Mesmo que tal sentido seja um postulado eurocentrado, devemos reconhecer que ele é, justamente, parte da construção de uma perspectiva específica em relação ao passado, que é a perspectiva da colonização, que precisa necessariamente continuar sendo compreendida e problematizada. Assim, compreender os mecanismos utilizados por Martínez é também parte do esforço para a superação do eurocentrismo na medida em que permite a desnaturalização do processo mesmo de construção da visão eurocêntrica da História da América.

Retomando as questões referentes a *Invenção da América*, mesmo com o problema levantado devemos reconhecer a importância da perspectiva de O’Gorman. Acreditamos que o uso do dito conceito pode enriquecer abordagens que consideram o processo de reconhecimento do continente e das conseqüentes transformações na mentalidade, bem como nas relações com o território e suas populações. Lembramos que é também a partir de uma determinada atribuição ao sentido do continente americano que derivaram a solução para os problemas teológicos quanto a sua existência, assim como a de seus habitantes, e assim atribuiu-se uma definição aos ditos nativos que influenciou na forma pela qual os colonizadores lidaram com esses grupos humanos. Observemos a seguir alguns exemplos de trabalhos que levam em conta a ideia de invenção em suas análises.

No que tange ao entendimento dos nativos pela intelectualidade proveniente da Europa temos, por exemplo, o trabalho de Luís Guilherme Assis Kalil em *Filhos de Adão: análise das hipóteses sobre a chegada dos seres humanos ao Novo Mundo (séculos XVI e XIX)*. Também o trabalho sobre crônicas coloniais de Anderson Roberti dos Reis que seguindo uma linha semelhante às premissas apresentadas em *Invenção da América*,

utilizando o conceito de representação, analisa as crônicas com o intuito de compreender a maneira como se construíram na intelectualidade europeia os quadros a respeito da realidade do Novo Mundo.⁹

Assim como nesses exemplos, as possibilidades abertas pela tese de *Invenção* constroem a premissa que instiga o problema desse trabalho: identificar o sentido do continente americano atribuído por Enrico Martínez no *Repertorio de los tiempos y historia natural desta Nueva España*. Na interpretação de O’Gorman, o mapa publicado em 1507 por Waldseemüller onde o Novo Mundo era apresentado através do termo América é um marco fundamental para a Invenção da América, registrando o aparecimento do nome do continente. Em seguida o historiador mexicano atribui elementos qualitativos para a definição do sentido do continente através da divisão dele conforme sua colonização por anglo-saxões ou ibéricos. Entendemos que essa perspectiva, apesar dos avanços que possibilitou, ainda é limitada, pois conclui-se com o surgimento de um nome para definir o continente em questão e em seguida define, de maneira teleológica, a principal essência das partes do continente. Apesar de ontologicamente satisfatória, tal conclusão acaba ignorando os diversos momentos em que esse ser foi interpretado e reinterpretado desde o achado de Colombo até os dias atuais. Assim, admitimos a possibilidade de que processos de atribuições de um sentido para a América se estendem por um período mais longo, sendo repletos de mudanças e ressignificações conforme condições que são historicamente determinadas.¹⁰

De certo modo é exemplar o fato que o próprio Waldseemüller abandonar o termo América em todos os seus trabalhos posteriores ao mapa de 1507 (BROTON, 2014, p.158). O mesmo fenômeno se repetiu com diversos outros cosmógrafos (como Gerardo Mercator por exemplo) que ficaram receosos quanto ao uso do termo América para designar a quarta parte do globo durante a primeira metade do século XVI indicando que o ponto final atribuído por O’Gorman quanto ao surgimento do ser americano na verdade encontrou-se mais ou menos em aberto por mais algumas décadas. Mas a questão quanto

⁹ Ver: REIS, Anderson Roberti dos. Da idolatria indígena a conversão cristã no México do século XVI: uma análise da obra do frei Toribio Motolinía. 2007. 230 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

¹⁰ São diversos os exemplos de maneiras distintas pelas quais se pensou o ser da América ou Novo Mundo ao longo da história. Um exemplo desse ser, em um momento e com sentido distinto daquele apresentado por O’Gorman, foi a “Polêmica do Novo Mundo” de meados do século XVIII. Sobre a essa interpretação de América em questão ver: DOMINGUES, Beatriz Helena; SANTOS, Breno Machado dos. Entre textos, contextos e epistemologias: apontamentos sobre a “Polêmica do Novo Mundo”. In: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge; FERNANDES, Luiz Estevam de O.; BOHN-MARTINS, Maria Cristian (org.). *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)* Vol.1. Curitiba: Editora Prisma, 2017. p. 317-359.

à nomenclaturas não é o ponto essencial para esse trabalho. Essa é uma questão mais ilustrativa para os problemas aqui apresentados, sendo mais relevante simplesmente partir da premissa de que existem diversas maneiras pelas quais foi definida a América ao longo da história do pensamento Ocidental que, como expresso anteriormente, alteram-se conforme contextos específicos.

No presente estudo, buscaremos entender como Enrico Martínez atribuiu um sentido para a América e sua história. Seja de forma consciente ou inconsciente, o que interessa é que esse pensamento foi expresso pelo cosmógrafo na fonte em questão. A maneira como isso será realizado nesse trabalho perpassa, além da análise do conteúdo da obra, a figura de seu autor Enrico Martínez, a consideração do contexto editorial em que ela foi publicada e como ela é situada na historiografia. No capítulo I, *Enrico Martinez um cosmógrafo dentre os experts da Nova Espanha*, buscamos entender como se construiu esse sujeito. Assim, estabelecemos as categorias pelas quais se insere a figura de Enrico Martínez no processo de expansão ibérica ao redor do globo que serão a base para as interpretações desenvolvidas nesse trabalho. Cabe destacar que “o individual não é visto em oposição ao sistema social. Este, por sua vez, é entendido como o resultado da ação de indivíduos em suas relações com outros indivíduos”. (AVELAR, 2010, p.165). Dessa forma, abre-se espaço para a compreensão da ação individual em uma sociedade onde um sujeito está inserido dentro de determinados limites de manobras recorrentes das condições materiais da qual dispõem os sujeitos.

As relações que compõem o sujeito Enrico Martínez são observadas aqui pelos seus efeitos na produção do *Repertorio de los tiempos* assim como pelo contexto editorial pelo qual essa obra circulou, reflexões que são de suma importância visto que “assistimos à volta do autor” (CHARTIER, 1999, p.34), ou seja, uma ênfase nas relações entre o autor e seu mundo e como isso influencia sua obra. Essa questão é apresentada no capítulo II, *Um repertorio cosmográfico no Novo Mundo*, onde busca-se pensar questões referentes à publicação original do *Repertorio*. Com o suporte das ideias de Roger Chartier, observam-se os elementos formais que abrem a obra visando compreender as relações do autor com figuras de seu tempo. Ainda, são feitas reflexões de determinadas perspectivas demonstradas na historiografia sobre as fontes utilizadas por Martínez na escrita de seu trabalho.

Retornando a vida de Martínez, optamos pela categoria bourdieusiana de *trajetória* (BOURDIEU, 1996b), pois, para além das vivências pessoais, media a compreensão das constantes relações entre o sujeito e as diversas estruturas, isto é, os

fenômenos e processos que empoderam e restringem as ações sociais, destacando assim os elementos essenciais a serem realçados para a interpretação do *Repertorio de los tiempos* e a maneira como Martínez realiza a apreensão desses elementos.

Para tanto, é pertinente também a noção de “ilusão biográfica”, presente na obra *Razões Práticas* (1996), de Pierre Bourdieu, que alerta para o problema do nome do indivíduo ser colocado simbolicamente como a única constância na trajetória individual. Assim, buscando evitar tal ilusão, partimos da ideia de que uma vida não pode ser observada de maneira retilínea e pré-determinada apenas pela mera existência individual sendo que o nome: “é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade das suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais” (BOURDIEU, 1996a, p. 187).

Desse modo, as reflexões desse sociólogo levam-nos à escolha do termo trajetória, para se referir à vida de Martínez, por entender que biografia carrega uma ideia de linearidade narrativa. Ou seja, limitando-se apenas a apresentar os fatos que compõem a vida de determinado indivíduo de maneira sequencial, enquanto a trajetória remete a maneira como o sujeito se relaciona com estruturas do mundo em que está inserido. Conforme descreve Bourdieu:

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um "sujeito" cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanta tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. Os acontecimentos biográficos definem-se antes como *alocações* e como *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado. (BOURDIEU, 1996b, p. 81-82)

Assim, ao analisar as atitudes dos sujeitos deve-se sempre levar em conta, a maneira como eles apropriam-se das condições materiais dadas, o que permite pensar as suas possibilidades de ação dentro de determinada época, sempre tendo em mente que novas condições são criadas com as ações individuais e coletivas ao longo do tempo. Levando isso em conta, observamos as ideias de Jean-Paul Sartre em *Questão de Método* (1973), porém, ressaltamos que devido à escassez de registros a respeito de determinados períodos da vida de Enrico Martínez, o uso do método progressivo-regressivo¹¹ nesse

¹¹ Sobre o método, conforme descreve Sartre em sua obra, com sua aplicação se “determinará progressivamente a biografia (por exemplo), aprofundando a época, e a época, aprofundando a biografia. Longe de procurar integrar logo uma à outra, mantê-las separadas até que o envolvimento recíproco se faça

trabalho acabaria comprometido. Ainda assim alguns elementos levantados pelo filósofo cabem como uma inspiração para o que a historiografia pode almejar ao tratar de trajetórias individuais.

As reflexões desse filósofo a respeito da vinculação entre marxismo – que classifica como o momento progressivo da análise – e existencialismo se assemelham ao que a historiografia atual discute sobre os limites entre análises que privilegiam o sujeito ou a estrutura. O uso das ideias de Sartre em trabalhos históricos busca uma maneira de equilibrar essas noções sem privilegiar um desses lados em detrimento do outro. Assim, almeja-se destacar a “singularidade universal do indivíduo, na trama dos eventos particulares passados e presentes que marcam a vida de cada (...)” (MARQUESE; DA SILVA JÚNIOR, 2018, p.52)

Cabe assim estabelecer e entender a importância dos processos que fizeram parte da trajetória e construíram o sujeito Enrico Martínez, autor da obra *Repertorio de los tiempos, y historia natural desta Nueva España*. No primeiro momento estamos lidando com as consequências do processo de “dilatação planetária” (CHAUNU, 1984), na imagem de mundo europeia. Esses descobrimentos e conquistas foram encabeçados pela então monarquia ibérica, cujas intenções expansionistas tornaram-na presente em todo o globo (GRUZINSKI, 2014).

Dentro desse contexto estabelecemos os elementos que são considerados relevantes para a caracterização de Enrico Martínez dentro dos processos em questão. Para isso observamos Martínez através da categoria de “expert” (GRUZINSKI, 2014) e mais especificamente sob o âmbito de seu ofício como cosmógrafo, visto que é essa a ciência mais marcante no *Repertorio de los tiempos, y historia natural desta Nueva España*. Esses elementos foram selecionados pela importância dentro do contexto dos Descobrimentos no que se refere ao estabelecimento de uma imagem de mundo. Essa imagem precisou ser confrontada com o novo dentro de moldes que estavam até então mais ou menos bem definidos nos quadros do pensamento europeu, de modo que muitas vezes ela foi construída através do encaixe do “Novo Mundo” com o “Velho Mundo” nas mais diversas categorias.

Esse problema é o principal foco desse trabalho sendo elaborado no capítulo III: Uma concepção espacial do globo e a história da Nova Espanha no *Repertorio de los*

por si mesmo e ponha um termo provisório a pesquisa (SARTRE, 1973, p.176-177). Em suma esse “vaivém” hermenêutico intercala até que se mesclam as condições que compuseram o contexto com a vida de determinado sujeito. Assim se evidencia a maneira singular como alguém se apropria de seu universal.

Tiempos. Nele observamos o conteúdo do segundo tratado da obra de Martínez. Dentre essas categorias podemos destacar como o entendimento espacial do globo esteve determinado pela cronologia já estabelecida no pensamento europeu conforme o Evangelho. Isso se deve ao fato de Martínez seguir a linha de pensamento estabelecida por José de Acosta, que acreditava que os indígenas da América tenham migrado para o continente, a partir da Europa ou da Ásia, após o Dilúvio. Logo, a disposição dos continentes no mapa é imaginada de forma que seja possível um movimento migratório humano entre eles.

Outra categoria é a concepção de tempo de Martínez que pode ser compreendida analisando a forma como foi apresentada a narrativa da história da Nova Espanha, da chegada dos mexicas passando pela Conquista e chegando ao início do século XVII, no segundo tratado da obra. O que se destaca dentro dessa narrativa é como ela ressignificou presságios (ou prognósticos) das mais diversas origens, visando uma explicação para a empreitada espanhola na região situando nos quadros de uma história universal já estabelecida. Destacamos como essa ótica colocou esses presságios dentro de uma perspectiva de história e de uma relação com o tempo tipicamente europeia do período em questão.

2. CAPÍTULO I: Enrico Martínez, um cosmógrafo dentre os *experts* da Nova Espanha

Enrico Martínez foi cosmógrafo real, intérprete da Inquisição, escritor, editor, impressor, cartógrafo, arquiteto e engenheiro do sistema de drenagem do Vale do México no início do século XVII. Sabe-se que Martínez não nasceu na Espanha. A hipótese de seu principal biógrafo, Francisco de la Maza¹², é de que ele nasceu na cidade de Hamburgo, entre 1550 e 1560, mudando-se para Sevilha por volta dos 8 anos de idade onde, possivelmente¹³, morou com parentes já estabelecidos na cidade que trabalhavam como impressores (MATHES, 1976, p.62).

Martínez estudou matemática em Paris e viajou pelo leste europeu antes de retornar a Espanha onde residiu nas cidades de Madrid, Toledo e Sevilha. Nesse período Martínez serviu como interprete da Inquisição, visto que era fluente em quatro línguas: alemão, flamengo, espanhol e latim. Em 1598, Martínez foi para o Vice-Reino da Nova Espanha, na mesma frota do recém nomeado Vice-rei, Luis de Velasco y Castilla, com quem mantinha boas relações. Cabe destacar que os fluxos migratórios intra-europeus obedeciam a regras variáveis que dependiam de questões locais e condições momentâneas, sendo que no caso de Martínez a presença de parentes já estabelecidos na Espanha e os ofícios que ele veio a desempenhar levam a crer que nada de excepcional existiu até o momento para a trajetória do cosmógrafo.

Quanto à ida para a América, a Coroa Espanhola estabeleceu regras para o trânsito de estrangeiros para o Novo Mundo. Essas regras também se alteravam conforme as necessidades do momento, tendo início no começo do século XVI quando

os reis estabeleceram a “licença de passagem”, controlada pela Casa de Contratação de Sevilha desde 1509, evitando que fossem para as Índias os mouros, os judeus, os convertidos, os condenados e, claro, os estrangeiros. No entanto, a necessidade de povoadores fez com que, a partir de 1511, as saídas fossem facilitadas e ocorressem campanhas de recrutamento, que foram rapidamente organizadas para as expedições de conquista ou para levar famílias de lavradores, fornecendo-lhes passagens, terras, etc. Por outra parte, flexibilizou-se a passagem de estrangeiros, especialmente quando Carlos I abriu a América a seus súditos, ocasião que foi aproveitada pelos alemães para iniciar a colonização da Venezuela. Felipe II optou por limitar essa passagem

¹² Francisco de la Maza foi responsável pela introdução da versão contemporânea do *Repertorio de los tiempos y historia natural desta Nueva Españã*. A maioria dos dados por ele compilados, assim como informações sobre Martínez presentes em outras fontes foram retirados de: MATHES, Valerie. Enrico Martínez of New Spain. *The Americas*, 33 (1), 1976. p.62-71.

¹³ Devido a uma carência de registros sobre a vida de Martínez na Europa, grande parte desses dados são possibilidades. Dito isso, o que é apresentado nesse trabalho tem respaldo da maioria dos estudiosos da vida de Martínez.

novamente e manter o monopólio castelhano; seus sucessores adotaram diferentes resoluções (em um ou outro sentido) de acordo com as variadas circunstâncias. Em outras palavras, a viagem à América foi um movimento livre, mas não espontâneo, e a política migratória oscilou segundo as necessidades de cada momento. Os portos de saída – Sevilha e Cádiz – se transformaram em núcleos de atração de migração e envolveram os movimentos migratórios internos com os transatlânticos, de modo que a rápida criação de vias de comunicação e redes de contato facilitou a expansão hispânica ultramarina (CASTELAO, 2018, p.104-105).

Assim, a ida de Martínez para a América seguiu fluxos habituais, estando o cosmógrafo devidamente inserido na sociedade espanhola. Apontamos o fato de que seu emprego na Inquisição demonstra que, se já não o era Martínez se converteu para o catolicismo (MATHES, 1976, p.63). Também se destaca sua relação amigável com o futuro Vice-rei da Nova Espanha, Luis de Velasco y Castilla, pois Martínez vai o Novo Mundo justamente na frota que levava o futuro Vice-rei. Logo, nada de clandestino ou inusitado nesse movimento migratório.

Após se estabelecer na América, em 1598 Martínez solicitou a oportunidade de continuar a função que já desempenhava na Espanha como intérprete da Inquisição de alemão e flamengo para o espanhol. Tal função era relevante para o momento e o local em questão devido a um grande número de presos na Cidade do México falantes dessas línguas (MATHES, 1976, p.63). Naquele mesmo ano, Martínez recebeu uma máquina de imprensa apreendida pela Inquisição, cuja doação foi motivada pelo seu trabalho como impressor na Espanha, e em 1599 abriu a quarta oficina tipográfica da Nova Espanha. Atribui-se a Martínez a impressão de aproximadamente 50 obras entre 1599 e 1611 com duas impressões isoladas em 1616 e 1620. Cabe destacar que nesse período se iniciava o crescimento da imprensa no Novo Mundo, logo, existe um certo pioneirismo no trabalho de Martínez (MATHES, 1976, p.63-64).

Ao mesmo tempo, Martínez exerceu a função de cosmógrafo real, o que implicava determinadas responsabilidades com o Conselho das Índias na Nova Espanha. Parte dessas responsabilidades incluíam: determinar a ocorrência de eclipses, as fases da lua, além do que hoje entendemos como fusos horários em diversas cidades do globo e, principalmente, calcular a latitude e longitude dos territórios espanhóis no Novo Mundo (MATHES, 1976, p.64-65). Também foi responsável pelo desenho de pequenos mapas que retratam determinadas regiões da Nova Espanha e os arredores da Cidade do México (BUISSERET, 2007, 1152-1153, 1157). Ainda dentro da cosmografia, Martínez produziu e publicou em 1606 seu principal trabalho o *Repertorio de los tiempos y historia natural*

desta Nueva Españã, obra elogiada pelas autoridades locais, sendo o primeiro repertório cosmográfico impresso e publicado no Novo Mundo (MATHES, 1976, p.67).

No ano seguinte, integrando os quadros da administração colonial, Martínez começou seu projeto para drenagem dos rios do Vale do México, cujas enchentes se mostravam uma constante causando grandes problema para a população local. Tal questão já afetava a região antes da Conquista, porém os Mexicas haviam desenvolvido meios de drenagem via canais que tinham também como função o transporte via canoas. Porém com a destruição e reconstrução da cidade pelos espanhóis tais canais foram substituídos por grandes estradas em decorrência da prevalência do transporte por vias terrestres. Soma-se ainda o desmatamento visto a expansão da agricultura para suprir a demanda da população crescente. Com isso na metade do século XVI quando fortes chuvas assolaram Vale do México o problema das enchentes voltou a afetar a população. (MATHES, 1970, p.425)

O trabalho por ele desenvolvido foi repleto de altos e baixos, sendo inicialmente condecorado em 1608 (MATHES, 1976, p. 72). Para diminuir o nível da água nos lagos do Vale foram construídos canais de drenagem e barragens por toda a região. Inicialmente as autoridades locais acreditaram que esse trabalho resolveu a questão, sendo que o custo foi uma redução na quantidade de água disponível para irrigação em determinadas regiões afetando negativamente a agricultura (MATHES, 1970, p.434). Problemas maiores apareceram para Martínez quando os canais por ele projetados passaram a se deteriorar causando o retorno da ocorrência de enchentes. Assim seu trabalho foi alvo de suspeitas e críticas nos mais diversos aspectos, tanto técnicos quanto por questões fiscais sendo que problemas referentes ao levantamento de fundos para a execução de reformas necessárias para a manutenção dos canais de drenagem levaram-no a um breve período de confinamento em 1615. Todavia, após ter sido solto, Martínez continuou responsável por essas obras, sendo alvo de críticas por esse trabalho, até sua morte em 1632 (MATHES, 1976, p.73-77).

Cabe ressaltar que esse foi o primeiro de uma série de trabalhos em grande escala que visaram resolver o problema de enchentes na Cidade do México, sendo que após séculos de idas e vindas desses empreendimentos o problema das enchentes foi resolvido. Porém os custos ambientais foram altos e já eram aparentes na época do trabalho de Martínez e vieram apenas a se intensificar com o passar do tempo e realização de novas obras. As mudanças provocaram grandes alterações nos locais onde concentravam-se reservas de água o que ocasionou em uma mudança nos níveis de humidade do solo, o

que provocou o afundamento das construções em áreas urbanas e também uma mudança nas condições climáticas no geral sendo que em nível mais alto isso fez com que certos lagos acabassem secando a níveis irreversíveis. (MATHES, 1970, p.438)

2.1. Os “experts” durante o processo de dilatação planetária

O trabalho de Enrico Martínez é parte de um grande esforço de compreensão das mudanças radicais pelas quais a noção de mundo europeia passou após ser confrontada com o resultado das Grandes Navegações. O aparecimento de um novo continente colocava problemas de ordem teológica e também cosmológica para os letrados europeus, visto que era preciso situar a América nos quadros teóricos desenvolvidos até então, desde a espacialização do globo até a história universal (CONRAD, 2017, p.24-25). Em termos espaciais, de fins do século XV e adentrando ao século XVI, houve um grande debate quanto ao tamanho do globo, pois as implicações dessa discussão representavam a possibilidade de empreendimentos lucrativos e de expansão do cristianismo nos diversos oceanos do planeta. Em suma, o quadro que buscamos apresentar é como se deu esse processo de expansão planetário, considerando suas consequências. É a partir disso que determinamos a importância da figura do “expert” (GRUZINSKI, 2014), categoria pela qual inicialmente analisaremos Martínez nesse trabalho. Tal categoria é aqui articulada com os processos de compreensão do globo apresentados por Felipe Fernández-Armesto em *Os desbravadores: uma história mundial da exploração da Terra* (2009).

Nesse sentido, os processos em desenvolvimento, das conquistas à exploração colonial, operaram de diversas maneiras sob ritmos diferentes ao longo do período em questão. Isso impôs um verdadeiro desafio para a determinação da imagem do globo terrestre. Para o cosmógrafo Martínez esse desafio foi articular o “Velho e o Novo Mundo” (MAZA, 1948, p.xxv)). Cabe então estabelecer qual era a tese majoritariamente aceita quanto à concepção do globo em fins do século XV, de forma a entender como as novas descobertas alteraram essa noção de mundo.

A imagem do globo terrestre praticamente hegemônica no pensamento europeu antes das viagens de Colombo era fortemente influenciada pelos moldes estabelecidos por Ptolomeu quase 1300 anos antes das Grandes Navegações (BROTTON, 2014). Pode-se descrevê-la da seguinte forma: o *orbis terrarum*, a Ilha de Terra, encontrava-se no Hemisfério Norte e era considerada como única região do planeta habitada pelo homem. Ela compreendia as três partes continentais conhecidas: África, Ásia e Europa. Debatia-

se o tamanho do *orbis terrarum*, pois assim proporcionalmente era possível determinar o tamanho dos oceanos e estabelecer o tamanho do planeta como um todo. Nessa proporção a grandeza dos oceanos era sempre tida como maior em relação a porção de terra seca, tese estabelecida por Aristóteles e que se encontrava, em linhas gerais, em concordância com as ideias predominantes do fim do século XV (O’GORMAN, 1992, p.76-77).

A possibilidade de existirem terras antípodas, *orbis alterius*, no hemisfério Sul, chegou a ser considerada. As antípodas seriam pequenas porções de terra isoladas umas das outras cuja grandeza não se aproximava de um continente. Sua existência era determinada calculando-se proporções. Nessa lógica, quanto menor supunha-se ser a Ilha de Terra maiores as chances de as antípodas encontrarem-se ao Sul. Porém, tal tese continha dois problemas para os letrados da época: a dificuldade de conceber a possibilidade das terras do sul serem habitadas, pela dificuldade de circulação de pessoas entre as zonas temperadas devido a existência da zona equatorial¹⁴ cujo calor impediria a presença de vida, e, mais importante, o fato de que essas terras não eram mencionadas no Evangelho. Logo, a tradição agostiniana mais ortodoxa descartava a existência das antípodas, pois supunha que a Ilha de Terra abarcava toda a porção possível de terra seca no globo. Os poucos que não negavam a existência de terras ao Sul, como Isidoro de Sevilha, mantinham a noção de que era impossível elas estarem habitadas (O’GORMAN, 1992, p.78-82).

Esse é um dos exemplos da maneira como se desenvolviam as discussões a respeito do tamanho do globo: orbitando em torno das relações de proporcionalidade entre oceanos e terra, de forma articulada aos postulados vigentes e aos elementos empíricos disponíveis até então. Para as viagens de exploração e descobrimentos, tais debates são de grande importância, pois determinam a possibilidade de executar determinadas navegações a locais cada vez mais distantes do globo, aumentando o lucro possível no estabelecimento de rotas comerciais marítimas. Isso também colocou em debate a grandeza dos oceanos, do Atlântico ao Pacífico. Assim, os postulados tradicionais foram

¹⁴ Quanto as zonas climáticas da terra, a grande maioria dos *Mappaemundi* da Idade Média colocava uma zona equatorial no centro da terra e zonas árticas nos polos, sendo essas as partes inabitáveis e até impossíveis de serem atravessadas, para certos pensadores, devido ao clima muito quente e muito frio respectivamente. Entre um polo e o centro equatorial estavam as zonas temperadas onde era possível a vida humana (WOODWARD, 1987). No hemisfério Norte está a Ilha de Terra e no sul estariam as antípodas. Como dito anteriormente o fato de elas não terem sido mencionados no Evangelho coloca como problema elas estarem habitadas e a concepção quanto a questão climática dificulta que qualquer tipo de migração tenha ocorrido ao longo do tempo do norte para o sul. Lembramos que a Ilha de Terra era, conforme a narrativa bíblica, a região que foi habitada pelos descendentes de Noé e portanto o único local onde seria possível a vida humana após o Dilúvio.

sendo confrontados com o resultado das novas viagens, não só aquelas que encontram e se direcionam para a exploração do que virá a ser nomeado América, mas também aquelas com rota traçada para a Ásia, na implacável busca europeia por rotas comerciais com o Oriente que marcou o advento da Modernidade.

Sobre a aparição da América, uma das mais notórias mudanças na concepção de mundo da época, vale realçar que o primeiro registro cartográfico da quarta parte sob esse nome ocorre no mapa de Martine Waldseemüller em 1507, o *Universalis Cosmographia*. Tal mapa é parte de um trabalho geográfico importante que além do próprio Waldseemüller, envolveu Matthias Ringmann e Jean Basin de Sendacour, que tinham inicialmente a intenção de publicar uma nova versão da Geografia de Ptolomeu, cuja obra vinha sendo amplamente traduzida pelo continente europeu. Mas, ao entrarem em contato com informações, um tanto quanto exageradas das viagens de Américo Vespúcio, optaram pela produção de um trabalho de cosmografia intitulado: “Introdução à Cosmografia: contendo os princípios necessários de geometria e astronomia ao lado das quatro viagens de Américo Vespúcio, e uma representação adequada de todo o mundo, tanto em globo como em mapa, que inclui ilhas remotas desconhecidas de Ptolomeu recentemente trazidas à luz” (BROTTON, 2014, p.164-169).

Porém, cabe ressaltar que apesar da aparente ruptura completa que tal momento parece inicialmente representar, Waldseemüller era muito cauteloso. Futuramente, ao fazer referência a essa porção de terra, não a tratou como um continente, mas como uma ilha, abandonou a nomenclatura América preservando, em grande parte, os moldes da geografia de Ptolomeu. Postura semelhante foi adotado por Mercator que utiliza o termo América para descrever toda essa porção de terra em 1538, agora já entendida como um continente por si próprio, mas também veio a abandonar o nome em trabalhos futuros, inclusive na em sua famosa Projeção de 1569. Esse é um traço que permanece constante no decorrer do século XVI:

Em vez de descartar Ptolomeu, os estudiosos da Renascença adotaram uma abordagem mais acumulativa na tentativa de unir o conhecimento geográfico clássico com o moderno. As tabelas de Ptolomeu e as descrições feitas ao lado dos mapas-múndi medievais eram os únicos modelos abrangentes do mundo à disposição dos estudiosos e de navegadores como Colombo, cuja ideia era, portanto, tentar conciliar suas descobertas com esses paradigmas clássicos e medievais, mesmo quando os modelos pareciam contradizer o que tinham descoberto (BROTTON, 2014, p.166).

Essa cautela se explica quando se entende que

Para as pessoas do início do século XVI, a descoberta de novos lugares, até mesmo de novos mundos, era vista com cautela, até mesmo com suspeita. Isso contestava os fundamentos do conhecimento herdado de escritores clássicos como Aristóteles e Ptolomeu e questionava até mesmo a autoridade bíblica: se o novo mundo da América e seus habitantes realmente existiam, por que não estavam mencionados na Bíblia? (BROTTON, 2014, p.159-160).

Assim, o termo América permanece errante por algum tempo. Sua disseminação pela Europa foi feita por cartógrafos sem vinculação com as monarquias ibéricas, especialmente alemães e holandeses, que optavam pela nomenclatura, pois esse nome não vinculava as novas terras a nenhum império ou religião, como era o caso dos nomes de regiões específicas do continente como “Nova Espanha” ou “Terra da Santa Cruz” (BROTTON, 2014, p.183). Em suma, cabe destacar que intelectualmente, as novas descobertas foram se acumulando, sem necessariamente refutarem imediatamente os quadros clássicos estabelecidos (BROTTON, 2014, p.188). Como mencionado, essa tendência resiste no decorrer do século XVI e também ao início do século XVII visto que pode ser percebida no *Repertorio de los tiempos* de Martínez, como veremos adiante.

Quanto as discussões sobre o tamanho do globo essas têm relação com o interesse comercial no continente asiático, que motivou as viagens marítimas marcantes para o processo de exploração. Tais expedições foram as circunavegações empreendidas no século XVI. Seu principal resultado é contraditório pois, apesar dos insucessos em encontrar rotas comerciais viáveis, se estabeleceu um clima de otimismo entre os descobridores quanto a ideia que Colombo lançava sobre os oceanos serem menores do que se esperava, opinião compartilhada por Fernão de Magalhães. Ao fazer parecer que as distâncias se reduziam a noção a respeito do tamanho do globo tendia por reduzir sua grandeza: “Nenhum mapa indicava a enormidade do Pacífico até bem avançado o século XVII” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2009, p.244). A viagem de Magalhães careceu de grandes êxitos no que se refere a encontrar as rotas pelo Pacífico. Porém, as informações provenientes sobre a região de La Plata permitiram levantar características essenciais para que futuramente ela fosse desbravada e colonizada (CHAUNU, 1984, p.148). Ainda assim, como mencionamos, o grande êxito dessas viagens não se encontrava nos achados materiais ou no descobrimento de rotas, e sim alimentar um sentimento de otimismo momentâneo. Isso foi um paradoxo que demonstra a força do imaginário de desbravadores e cartógrafos, cujas convicções - e até mesmo desejos - quanto ao que esperam da realidade não eram abaladas quando confrontados com a realidade que aparentava inegavelmente negar suas crenças e expectativas.

Em um espírito “cavaleiresco” (FERNÁNDERZ-ARMESTO, 2009, p.257-259), esses descobridores continuavam alimentando suas convicções fortemente baseados no desejo que a realidade fosse como imaginavam. Isso inegavelmente contribuiu para a ampliação da presença das monarquias ibéricas pelo globo, pois seus avanços não eram freados significativamente por qualquer resultado negativo. Tal processo resulta em uma “radical mutação do mundo” (CHAUNU, 1984, p.131), não apenas pelo descobrimento que molda a imagem do mundo mas também pelos processos de conquista consequentemente empreendidos pelas nações ibéricas. Nesse sentido, as expedições como as de Cortés foram os casos mais exemplares dessa face do empreendimento colonial: “uma explosão única, num ritmo jamais igualado: eis a *Conquista*” (CHAUNU, 1984, p.148). Quanto a seus objetivos e resultados, sob o ponto de vista dos conquistadores espanhóis: “A *Conquista* não implica ação alguma sobre o solo; não acarreta esforço algum em profundidade para estabelecer um novo diálogo entre o homem e a terra. A *Conquista* não visa a terra, mas unicamente os homens” (CHAUNU, 1984, p.149).

Da exploração e conquista ao redor do globo, as monarquias ibéricas estendem sua presença, de diversas formas mediante as condições de locais diferentes, sob as quatro partes do mundo. Conforme aponta Serge Gruzinski em *As quatro partes do mundo*, de Cantão até a Cidade do México os novos saberes despertavam a curiosidade de muitos que se dedicavam a compreender o novo das mais diversas maneiras, comparando-o com o que conheciam até então. Sejam seus trabalhos dirigidos a Coroa, a Igreja ou o público letrado é inegável a importância dos seus ofícios (missionários, soldados, médicos, cosmógrafos, cartógrafos, pilotos e engenheiros são apenas alguns dentre muitos empregados nessa tarefa) no entendimento e ligação das partes do globo. A maneira como esses indivíduos exerceram seus trabalhos foi realizado foi determinante para forma como a Europa veio se relacionar com o mundo. Gruzinski classifica esses variados indivíduos a partir da categoria de *experts*, sendo que o próprio historiador afirma que eles são parte de um processo maior. Conforme por ele escrito:

Esse vasto programa pode ser resumido em uma palavra, as “coisas” (*cosas*, *cousas*), termo que aparece muitas vezes no título de seus trabalhos, como figurava antigamente nas nossas lições da escola primária. Vários termos aparecem repetidamente nas fontes para designar esses mediadores e suas competências: os portugueses os chamavam de *práticos*, os espanhóis falam de *hombres expertos*; todos insistem em sua “experiência”. (...) Seu objetivo é informar, mas sempre políticos. Esses *experts* nunca são pesquisadores enclausurados em seus gabinetes de trabalho. Todos, porém, são homens que

empunham penas, único meio de fixar e transmitir sua experiência. (GRUZINSKI, 2014, p. 190-191).

Embora em grande maioria nascidos em Portugal ou na Espanha, devido a natureza do trabalho desenvolvido e o contato com novas regiões, não era incomum que nascidos em possessões ultramarinas, por exemplo Andres Alvares de Almadade mulato nascido em Cabo Verde, ou mesmo nativos como o indígena Chimalpahin, desempenhassem ofícios inseridos na categoria de *experts* durante o período da União Ibérica (GRUZINSKI, 2014). Ocorria, também, a presença de estrangeiros dentro dessa categoria. À primeira vista, as origens de Enrico Martínez podem parecer peculiares, mas uma breve observação já indica que a Coroa Espanhola não via problema com o emprego de estrangeiros, nem com o seu estabelecimento dentro da sociedade hispano-americana.

Talvez o mais famoso tenha sido o explorador genovês Cristóvão Colombo que dispensa apresentações, mas casos mais específicos também atestam para essa tendência. Por exemplo, no século XVI, habitava na Cidade do México o impressor italiano Antonio Ricardo, que em 1576 a pedido dos jesuítas mudou-se para Lima onde foi responsável pela impressão de um catecismo em 3 línguas (FEBRVE; MARTIN, 1992, p.304). Outra figura notável que se estabeleceu na Cidade do México foi o pintor belga Simon Pereyns (GRUZINSKI, 2014, p.128). Ainda mais próximo da figura a qual estamos analisando temos o holandês Adrián Boot. Após os primeiros sinais de complicações nos trabalhos de Enrico Martínez na obra de drenagem do Vale do México, em 1614, o vice-rei Diego Fernández de Córdoba empregou esse holandês para inspecionar as ditas obras e auxiliar em sua continuidade (MATHES, 1976, p.73). A Cidade do México exemplifica essa característica um tanto quanto cosmopolita, pois encontra-se em uma posição central dentro do processo de mundialização ibérica. A grande circulação de pessoas e mercadorias vindas das quatro partes do mundo perpassavam esse espaço tornando a cidade um ambiente de intensa circulação de pessoas e ideias das mais variadas partes do planeta (GRUZINSKI, 2014).

2.2. Cosmógrafo no início do século XVII

Além da importância prática da cosmografia na sociedade colonial, como por exemplo a realização de cálculos para que se determinasse a latitude e longitude, dados essenciais para a confecção de mapas, o que torna os cosmógrafos indivíduos “indispensáveis à monarquia” espanhola (GRUZINSKI, 2014, p.220), cabe destacar

como esse ofício está ligado a visão de mundo expressa por Martínez na obra em um nível teológico. Isso se deve a forma como, nesse caso específico, nosso cosmógrafo tem seu pensamento ligado a certas concepções que permeiam todos os elementos descritos da obra. Os maiores exemplos disso são: a imagem do universo e disposição dos continentes no globo apresentada pelo autor como também a história por ele escrita o que será objeto de análise do capítulo III desse trabalho.

A perspectiva do *expert* aqui analisado está intimamente ligada a concepções teológicas estabelecidas no período em questão que marcam a ideia de um certo providencialismo da empreitada europeia no Novo Mundo, especialmente o projeto do que pode-se definir como a monarquia católica, proveniente da junção das nações ibéricas, Portugal e Espanha, em uma única monarquia entre os anos de 1580 e 1640 (GRUZINSKI, 2014, p.45). Tais noções são colocadas em uma escala universal, um projeto que tem como alvo o mundo como um todo, sendo a própria noção de mundo só é possível a partir do trabalho do cosmógrafo que determina o que é esse local o qual habitamos e que nos é possível dominar. Cabe pensar uma ciência: a cosmografia e a construção da figura do cosmógrafo.

A cosmografia entre os séculos XV e XVII estava estabelecida como uma ciência que abrangia elementos de áreas bastante heterogêneas, como por exemplo: astronomia, astrologia, matemática, geografia, sendo que muitas dessas áreas não compreendiam até então ciências independentes. De maneira resumida a cosmografia se refere à “ciência que descreve a Terra e o céu” (BROTTON, 2014, p.156), ou seja, em linhas gerais visa explicar o ordenamento e funcionamento do universo como um todo. Assim, inicialmente os trabalhos, tomando *Repertorio* de Martínez como exemplo, tendem a separar o mundo no qual habitamos como a região Elemental, que vai do centro da terra ao céu onde se encontra a Lua. O que se compreende acima desse espaço é parte da denominada região Celestial que juntas compõem algo perfeitamente redondo sendo a parte Elemental envolta pela Celeste (MARTINEZ, 1948, p.5).

Os conceitos básicos para a definição do universo derivavam das interpretações da física aristotélica que fora apropriada na Europa, especialmente pela Igreja Católica, ao longo da Idade Média. O principal pressuposto era a noção de quatro elementos que compunham tudo que havia no universo: terra, água, ar e fogo¹⁵. Apenas limitando seu

¹⁵ As noções empregadas no estudo da *physis*, mantendo o termo grego para se referir a natureza e a materialidade do universo de forma geral, acerca dos quatro elementos presentes como base para a compreensão do universo, antecedem ao pensamento Aristotélico. Em especial os sistemas jônicos

ofício a descrições da região elemental, o trabalho dos cosmógrafos já operava em nível prático na determinação de latitudes e longitudes e confecção de mapas (além do próprio Martínez que teve alguns de seus trabalhos cartográficos descritos aqui, indivíduos mais famosos também abordados nesse trabalho como Waldseemüller e Mercator também definiam-se como cosmógrafos), o que por si já dependia de saberes bastante heterogêneos.

Porém, em se tratando da religião celestial, os saberes expandiam-se para a astronomia, na determinação do movimento de astros ou a previsão e registro de eclipses. Ainda, somava-se o ramo da astrologia, que tratava em linhas gerais das influências do movimento de um astro no restante do universo. Por exemplo, determinando o efeito que os corpos celestes têm sobre os quatro humores presentes no corpo humano conforme a teoria de Galeano a respeito da medicina, assim como a influência do zodíaco na personalidade de um indivíduo. Mas cabe destacar que Martínez era um dos que se dizia cético quanto a esse tema, que chamou de astrologia vulgar, tendo o incluído em seu *Repertorio* apenas por entender que uma obra dessa natureza que não abordasse o horóscopo não seria bem recebida pelo público (MARTINEZ, 1948, p. 17-18).

Essa profunda heterogeneidade explica também porquê o auge da cosmografia foi tão breve. Para Frank Lestringrant essa ciência foi um “gênero transitório, intermediário entre as *Imagines Mundi* medievais e os atlas, as enciclopédias e as coleções de viagens da Época Clássica” (LESTRIGANT, 2009, p.222). Essa decadência¹⁶ ocorre em três âmbitos:

Do ponto de vista religioso, o cosmógrafo que se alça à altitude do Criador para alcançar seu saber eterno e ubiquista é acusado de orgulho, e até de blasfêmia, quando pretende corrigir a Escritura em nome de sua experiência soberana e sem limites. No plano do método, peca pela incoerência, confundido as escalas de representação e imaginado que a autópsia (ou cisão de si mesmo) pode garantir a verdade de uma visão sintética e necessariamente segunda. Enfim, do ponto de vista epistemológico, a cosmografia, que supõe uma compilação monumental sob uma única autoridade não controlada, é bem rapidamente ultrapassada por formas mais flexíveis e abertas de saber geográfico (...) (LESTRINGANT, 2009, p.223).

desenvolvidos por volta do século VI a.C, já organizam o universo através dos elementos. O principal exemplo é a reconstituição do sistema de Anaximandro em: CORNFORD, Francis. "O sistema de Anaximandro". In: ____, *Principium sapientiae*. Lisboa: Caloute Gulbenkian, 1987. p. 257-303.

¹⁶ Essa decadência se traduziu em um processo de separação da cosmografia em disciplinas mais especializadas tendo início em fins do século XVI sendo que: “At the scholarly level, cosmography was beginning to peel apart. At the English universities between 1580 and 1620, geographical description of the earth was becoming distinguished from cosmography (...) As astronomy separated scientifically from geography, the cosmographic claim would be sustained graphically or in religious text whose scientific concerns were subordinate to their doctrinal concerns.” (COSGROVE, 2007, p.70)

Destacando o primeiro ponto colocado por Lestringant fica aparente uma peculiaridade de Enrico Martínez que, ao contrário de outros cosmógrafos como André Thévet e Mecator cujo trabalho operou no limite do aceitável pela Igreja Católica, não teve nenhum tipo de problema dessa natureza registrado em sua trajetória. Em parte isso pode ser atribuído à natureza um tanto quanto conservadora do conteúdo do *Repertorio de los tiempos* Como destaca Gruzinski:

Nada aqui inquietante do ponto de vista científico. Diferentemente dos *experts*, com os quais cruzamos até aqui, Martin [o autor mantém o nome alemão de Martínez] não procura aprofundar-se no conhecimento do mundo indígena (...). Quer simplesmente oferecer aos espanhóis e aos crioulos da Nova Espanha os meios de compreender as realidades americanas, a partir de um sistema rigorosamente ortodoxo, baseado em uma concepção medieval e geocêntrica do mundo, inspirado em Ptolomeu (GRUZINSKI, 2014, p.226).

O conteúdo do *Repertorio* em si será visto de maneira aprofundada no capítulo III deste trabalho. Posto isso outros fatores podem ser analisados de maneira mais imediata. Cabe então levar em conta o contexto editorial da obra de Enrico Martínez. Visto o caráter inédito da obra no Novo Mundo e os profundos elogios que recebeu, observá-la mediante todo o contexto editorial e historiográfico em que se insere oferece respostas para a peculiaridade até então levantada.

3. CAPÍTULO II: Um repertório cosmográfico no Novo Mundo

3.1. A natureza editorial do *Repertorio de los tiempos*

Diversos são os fatores que devem ser observados em um livro, sendo que em grande parte esses estão ligados especialmente com a figura do autor¹⁷. Em *A ordem dos livros* Roger Chartier apresenta algumas reflexões quanto a possíveis maneiras de determinar a constituição da função-autor. Embora não tenha encontrado uma fórmula que resuma a resposta desse problema, afinal: “Não se pode reduzir a formulações por demais simples ou unívocas a construção de uma função-autor, entendida como critério maior de atribuição dos textos” (CHARTIER, 1999, p. 58). Os diversos critérios apontados por Chartier como caminhos para pesquisas futuras quanto a história do livro provam-se essenciais para qualquer trabalho que se utilize de fontes dessa natureza.

A partir disso podem ser observados aspectos formais e técnicos nos livros que elucidam questões referentes a autoria, impressão e circulação dessas obras nos contextos de produção e publicação que se deseja abordar. Nesse sentido, ainda mais que as reflexões expostas em *A ordem dos livros*, o trabalho de Chartier com a *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* de Bartolomeu de Las Casas é exemplar para o trabalho aqui desenvolvido. Nele, o historiador francês busca estudar como a obra do frade dominicano é recebida em sete circunstâncias, ou sete vidas para manter a terminologia do autor, diferentes no que tange aos momentos e locais distintos em que fora publicada. Tomemos como exemplo os elementos levados em consideração no primeiro momento: sua primeira e original publicação.

Ao analisar a primeira vida: o momento de sua primeira impressão, Chartier leva em conta quem é Bartolomeu de Las Casas (destacando seu lado religioso e as implicações dele escrever sobre acontecimentos os quais presenciou como testemunha ocular), o significado de uma *relación* na língua da época, o contexto de produção e publicação da obra. Por exemplo, a existência de mecanismos de censura em Sevilha coloca questionamentos sobre como Las Casas conseguiu publicar sua obra, o que leva

¹⁷ Devido aos objetivos desse trabalho estarem assentados na perspectiva específica de Martínez sobre a América, as formulações sobre a recepção e apropriação da obra pelos leitores de diferentes contextos foram deixadas de lado. Dessa forma a análise aqui desenvolvida centra-se apenas na figura do autor. Sobre as tensões que permeiam a prática da leitura entre o polo da intenção do autor e a apropriação pelos leitores ver: CHARTIER, Roger. “Textos, impressos, leitores”. In: _____. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

Chartier a afirmar que Las Casas tinha a aprovação de figuras importantes de seu tempo. Em suma, o que esse trabalho demonstra é principalmente os meios pelos quais é possível desenvolver a análise de um livro, assim como a profundidade necessária para o trabalho com essas fontes históricas, de maneira a compreender todas as dinâmicas envolvidas em nosso caso apenas no polo do autor, que é quem desejamos caracterizar.

É então chegada a hora de destacar alguns desses elementos dentro do *Repertorio de los tiempos, y historia natural desta Nueva España*. Sob a ótica da História do Livro, temos um universo de possibilidades pelo qual podemos orientar a análise aqui desenvolvida. Para esse trabalho interessam as preocupações que orientam esse campo de maneira geral:

Podemos caracterizar a História do Livro a partir de duas diferentes perspectivas: a dos objetos e a dos objetivos. A primeira nos traz a importante pergunta do que viria a ser o objeto, isto é, o “livro”. A segunda, dos objetivos, nos leva a discutir onde queremos chegar, ou seja, quais seriam as perguntas que estaríamos fazendo às nossas fontes (FONTES; LIMA, 2018, p. 38).

Os objetivos da análise que segue vão esclarecer algumas das peculiaridades levantadas ao final do capítulo anterior que permeiam a figura de Enrico Martínez. Assim, é indissociável pensar as relações entre a figura do autor, descrito anteriormente, com a sua época, o que nos leva a alguns dos elementos que contextualizam a obra no crescente universo editorial da América assim como dentro o gênero de Repertórios. Em seguida observamos elementos que compõem o objeto em si: as aprovações e licenças que abrem o livro. Portanto o conteúdo dessas aprovações e licenças para a publicação do *Repertorio de los tiempos* são objeto de análise por elucidarem a maneira como autoridades locais viam a obra e seu autor no contexto da Nova Espanha.

Sobre a importância que a obra teve na Nova Espanha, como dito anteriormente no capítulo I desse trabalho, a oficina tipográfica de Martínez, na qual imprime seu *Repertorio*, foi apenas a quarta aberta na Nova Espanha. De maneira geral, pode-se afirmar que isso ocorreu em um momento de expansão da imprensa no Novo Mundo, sendo que no século XVI já haviam sido impressas, na Nova Espanha, 116 obras, valor que no século XVII salta para 1228. Para efeito de comparação esse valor supera muitas grandes cidades europeias fazendo da Cidade do México um verdadeiro polo literário, cuja produção era encabeçada por obras de natureza eclesiástica e voltadas para a catequização dos nativos (FEBRVE; MARTIN, 1992, p.302-303). Dentro desse crescente universo editorial o *Repertorio de los tiempos* se destaca como a primeira obra de

cosmografia escrita e impressa na Nova Espanha, prontamente se tornando referência no assunto.

Tendo já identificado a importância do ofício do autor, assim como destacado quem é Enrico Martínez, cabe pensar a obra em si no que tange a suas características dentro do universo editorial do contexto de sua publicação inicial. O título do livro *Repertorio de los tiempos, y historia natural desta Nueva España* já informa que a obra está inscrita na “tradição dos repertórios que Rodrigo Zamorano ou Martín Cortés publicaram na Espanha, no decorrer do século XVI”¹⁸ (GRUZINSKI, 2014, p.226), sendo que repertório é o termo espanhol usado para se referir a obras de cosmografia e astrologia¹⁹ (MAZA 1948, p. xiii). Todas situadas no âmbito da cosmografia, cada obra desses autores tem algum elemento específico. Zamorano enfatiza elementos ligados a cronologia, ao tempo e calendários, sempre pensando as influências da região Celestial sob essas questões. Já a obra de Martín Cortés, filho de Hernán Cortés, volta-se em especial para a navegação, sendo que a motivação que leva a composição da obra é buscar através da astronomia, ignorada pelos navegadores, uma maneira mais segura e cientificamente precisa, de empenhar esse ofício (PORTUONDO, 2009, p.53). A obra de Martínez tem como elemento diferencial em sua estrutura o fato de que: “Trata de cosmografia e de astrologia, mas também de uma história natural (...)” (GRUZINSKI, 2014, p.226).

Observemos agora as aprovações e dedicatórias que abrem a publicação original do *Repertorio de los tiempos*. Ressaltamos a existência de diversos mecanismos de censura na difusão das publicações escritas, visto que:

Os governantes rapidamente entenderam que um informe escrito, uma relação, era a única maneira de certificar o encontrado e o descoberto em empresas demasiado distantes e cheias de dúvidas, sombras e receios, e de apetites por dinheiro e poder de seus executores. Portanto, a escrita se converteu em um valor inigualável como veículo de informação, controle e governo dos monarcas (SÁNCHEZ; RAMÍREZ, 2017 p.294).

¹⁸ As obras desses autores são: ZAMORANO, Rodrigo. *Chronología y repertorio de la razón de los tiempos*. Sevilla: Imprensa de Rodrigo Cabrera, 1594; CORTÉS, Martín. *Breve compendio de la esfera y de la arte de navegar con nuevos instrumentos y reglas ejemplificado con muy sutiles demostraciones*. Alicante Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2018. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0935769>.

¹⁹ Salientando o que foi colocado no capítulo I desse trabalho, a presença do conteúdo referente a Astrologia em um repertorio é um padrão da natureza que essas obras tinham para o público leitor do período (PORTUONDO, 2009). Isso justifica o motivo que mesmo contrariado Martínez incluiu alguns temas dessa área no *Repertorio de los tiempos* (MARTÍNEZ, 1948, p.17-18).

Apesar da circulação à margem da lei de determinadas obras, são inegáveis os esforços para o controle de informação que circulasse pelo Novo Mundo. Tendo em vista esse esforço da Coroa o fato da obra de Martínez ter sido aprovada e elogiada, como veremos a seguir, já é um grande indicativo do caráter do conteúdo do *Repertorio de los Tiempos*.

Analisando as questões referentes à publicação em consonância com a trajetória de Martínez do *Repertorio de los tiempos*, percebe-se o prestígio que o cosmógrafo tinha quando publicou a sua obra. A obra é dedicada ao vice-rei da Nova Espanha Don Juan de Mendoza y Luna, que a aprova com elogios definindo-a como “útil e proveitosa para toda a república”, ressaltando que em momento algum traz qualquer ofensa “a fé católica nem os bons costumes” e por fim ainda define o estilo do autor como “agradável” e ressalta sua “modéstia cristã”. Tendo sido a primeira obra dessa natureza publicada na região, ela supria algumas demandas para o conhecimento local, ao menos no ponto de vista das autoridades, sendo que Don Juan destaca que os conhecimentos ali presentes eram muito importantes para a agricultura, por exemplo. O vice-rei ainda estabelece que apenas o próprio Enrico Martínez tem autorização para imprimir a obra (MARTÍNEZ, 1948, p.xxxii). A autorização e elogios do vice-rei somam-se em concordância as opiniões de Hernando Franco Risueño (teólogo, visitador geral na Nova Espanha) e do arcebispo Garcia de Mendoza y Zuniga que também pontuam a obra como “útil e proveitosa” e que “não contém nada contrário a fé católica” (MARTÍNEZ, 1948, p.xxxii-xxxiii).

Esses elogios são prática comum a obras que tinham a publicação autorizada no período. Percebe-se, com a autorização de impressão e reconhecimento do trabalho de Martínez no *Repertorio de los tiempos, y historia natural desta Nueva España*, a existência muito forte da noção de autoria. Essas aprovações indicam tanto o reconhecimento da importância da obra, como também uma certa noção de propriedade do autor em relação a obra, sendo que fica estabelecido que a impressão do livro é permitida apenas para o próprio Enrico Martínez. O fato de o autor da obra ser também seu editor e impressor impede a existência de qualquer debate de propriedade intelectual sobre a obra como se viu em partes da Europa ao longo da Idade Moderna (CHARTIER, 1999). Quanto a sua importância, como já dito anteriormente, foi uma obra inédita para a Nova Espanha do século XVII no que se refere especialmente a seu conteúdo quanto as questões cosmográficas e astrológicas trazendo para a Nova Espanha, questões que já eram difundidas nas obras dessa natureza, os repertórios, na Europa. O *Repertorio* de Martínez será uma grande referência para muitos cronistas na América, como por

exemplo Domingo Chimalpahin que, apesar de algumas discordâncias, em seus escritos tem Martínez como a principal referência no que se refere a cosmografia e astrologia (GRUZINSKI, 2014, p.37).

Anteriormente mencionamos como importantes cosmógrafos europeus do século XVI viam-se constantemente nos limites do aceitável pela Igreja no que tange as afirmações feitas em suas obras, mas que Enrico Martínez não aparenta ter sofrido com nenhum problema dessa natureza. Observando tanto sua trajetória quanto as descrições que constam nas aprovações, é possível refletir de maneira adequada quanto a isso, caracterizando ainda mais a figura do cosmógrafo Martínez, assim como pontuando caracterizações iniciais a respeito do conteúdo do *Repertorio de los tiempos*.

Iniciando com a trajetória de Martínez, pode-se destacar alguns elementos já apresentados nesse trabalho, que antecedem a publicação do *Repertorio* e demonstram certo prestígio que ele possuía no meio das autoridades espanholas que em parte transcendem seu caráter puramente letrado. Já em sua vinda para a América lembramos que nosso cosmógrafo viajou na mesma frota que trazia o novo Vice-rei Luis de Velasco y Castilla com quem Martínez mantinha boas relações. Logo em seus primeiros anos estabelecido na Cidade do México, o cosmógrafo adquiriu um trabalho como intérprete da Inquisição dando continuidade a uma das funções que desempenhava na Espanha. Tal emprego trouxe ainda outro benefício de extrema importância em se tratando de sua produção escrita: é a Inquisição que fornece a Martínez sua máquina de imprensa que lhe permite ser, de certo modo, pioneiro no universo tipográfico da região, visto que, como já destacado, sua oficina foi apenas a quarta aberta em todo o vice reino da Nova Espanha até então.

Tal pioneirismo rendeu-lhe ainda mais prestígio através do conteúdo da obra que publicou. Como dito anteriormente, o *Repertorio* supria demandas em lacunas do conhecimento, no que se refere aos interesses das autoridades locais, apresentando em sua maioria elementos já comuns a ciência europeia do século XVII, indo em uma direção contrária em relação aos outros *experts* que constantemente intrigavam-se com o novo. Isso leva a outro ponto divergente do trabalho de Martínez em relação a outros cosmógrafos. Conforme Lestringant, os cosmógrafos, em geral, eram malvistas pelas grandes ambições que os colocavam as vezes em choque com o próprio Evangelho. Porém o *Repertorio de los tiempos y historia natural desta Nueva Españã* não suscitou esse problema para as autoridades da época, pelo contrário foi elogiado por sua “modéstia cristã” (MARTÍNEZ, 1948, p.xxxii-xxxiii) elemento comum a toda obra aprovada no

período em questão. Isso fica de acordo com as afirmações de Gruzinski cuja caracterização do *Repertorio* destaca sua ortodoxia (GRUZINSKI, 2014, p.226), algo que deve-se levar em conta quando aprofundarmos a análise do conteúdo da obra em si.

Antes de prosseguirmos para o confronto da fonte com o problema que instiga esse trabalho, é preciso ainda apresentar um recorte historiográfico, em que se situe não apenas o *Repertorio de los tiempos*, como também as fontes, através das quais o próprio Enrico Martínez recorreu para a produção de sua obra, que era ao mesmo tempo um trabalho de cosmografia e uma crônica dos acontecimentos da Nova Espanha. Para isso abordaremos a categoria de crônicas coloniais, porém para refletir sobre esse tipo de documentação é preciso pontuar um conceito essencial, que remete a História Cultural, que perpassa a grande maioria das interpretações a respeito das crônicas: representação. Essa escolha se deve ao entendimento de que esses relatos partem de uma maneira específica como os cronistas realizaram o processo de apreensão da realidade. Afinal:

a crônica não é entendida como um reflexo ou testemunho “verdadeiro” dos processos que ela enuncia, mas sim como uma representação construída a partir das práticas cotidianas vivenciadas pelo cronista, perdendo sua suposta objetividade. As representações de mundo relatadas nas crônicas se entrecruzam e dialogam com as próprias práticas de quem as produziu. As ideias, concepções, projeções, valorações apresentadas nesses manuscritos ganham sentido no momento em que são apreendidas em consonância com seus lugares de produção (REIS; FERNANDES, 2006, p.28).

3.2. *Repertorio de los tiempos* em meio às crônicas coloniais

Dentre o enorme universo editorial destacado anteriormente, as obras que abordavam a história e descreviam as características do continente americano foram agrupadas genericamente na historiografia através do termo “crônicas”. O problema a ser colocado sobre essa maneira de tratamento das fontes é a grande generalização recorrente do agrupamento de diversos textos distintos em uma mesma categoria ignorando a diversidade desses documentos. Como destacam Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Luis Guilherme Assis Kalil, esses escritos foram produzidos por autores muito diversos em suas origens (por exemplo Enrico Martínez era um alemão, que se muda para a Espanha ainda na juventude, muito diferente dos missionários nascidos na Espanha que se dirigiram ao Novo Mundo) e ofícios (homens do clero, soldados, comerciantes, cosmógrafos e homens da ciência como um todo, dentre diversos outros).

Desse modo, sem desprezar a categoria “crônica”, é importante que a análise de cada fonte leve em conta suas especificidades. Assim foram de suma importância as

reflexões que definiram o sujeito Enrico Martínez até esse ponto do trabalho, visto que como escrevem Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Luis Guilherme Assis Kalil, em concordância com as formulações apresentadas no tópico anterior, o trabalho com uma crônica colonial deve buscar

entender disputas políticas e sociais, relações de poder, de produção, de escolhas e silêncios de determinadas memórias registradas nos textos coloniais; verificar mudanças de argumentação de seus autores, os diálogos deles com sua própria obra e com outras produções contemporâneas ou anteriores a eles (FERNANDES; KALIL, 2012, p.66).

Uma noção característica das crônicas coloniais é a “verdade cristã” (REIS; FERNANDES, 2006, p.30-31), presente como marca em comum nas narrativas de autores bastante heterogêneos que convergem e concordam com o ideal de sucesso iminente do empreendimento europeu no Novo Mundo. Isso evidencia a vinculação do entendimento a respeito desse processo com uma mentalidade profundamente pautada em sua religião, sendo que na obra de Enrico Martínez isso pode ser percebido na interpretação dos presságios indígenas. Essa noção aparece nas crônicas vinculadas à noção de que o cronista escreve apenas a verdade, pois foi testemunha ocular do ocorrido ou baseou-se em memorialistas e outros escritores de confiança como é o caso de Martínez que afirma ter se baseado em escritores dignos de confiança.

Tal verdade é vinculada a uma noção providencialista a respeito dos fatos, sendo que esse fator é fortemente marcado pela religiosidade dos autores. O aspecto religioso é evidente na narrativa do *Repertorio*, desde a autorização de publicação da obra presente no início do livro que destaca que a obra não ofende a fé católica nem os bons costumes. Isso se repete na forma pela qual o autor constantemente se refere a elementos do cristianismo especialmente em descrições de caráter cosmogônico, ou seja sobre a origem e ordenamento do universo, que é o foco do primeiro tratado *Del mundo em general*, lembrando que Martínez sempre deixava claro as limitações dos antigos provenientes da falta da fé católica²⁰.

Somam-se a essas noções de verdade do relato elementos característicos à escrita da história na Espanha no princípio da Idade Moderna. No geral, o que observou-se no

²⁰ Outro ponto importante que fortalece a ideia de um caráter providencial na narrativa de Enrico Martínez é quando ele apresenta, no quinto tratado do *Repertorio de los tiempos, y historia natural desta Nueva España*, presságios a respeito de um evento que o autor coloca no futuro, ou seja, ele realiza uma previsão. Para o cosmógrafo foi ao menos anunciado por uma série de acontecimentos que permitiram o desenvolvimento desse prognóstico: a queda do Império Otomano. (MARTÍNEZ, 1948, p.224)

decorrer do século XVII e que já estava presente em obras anteriores, foi um processo intenso de separação da história em relação a ficção, de forma que: “A obrigação do historiador é narrar o acontecimento como ele aconteceu, sem tirar nem pôr nada, sua narrativa deve ser verdadeira e bem ornamentada” (CERQUEIRA; MEGIANI, 2020, p.7). Assim, na sociedade do Antigo Regime a figura de um historiador, aqui entendido de maneira ampla como aquele que se dispunha a produção de um relato acerca de eventos passados, era uma figura de certo prestígio, especialmente entre os grupos dirigentes, fosse diretamente a monarquia ou os órgãos que a representavam.

Isso constrói uma figura a respeito desse tipo de historiador que necessitava ser alguém cuja autoridade, preferencialmente decorrente de origens nobres mas também pela excelência de sua sabedoria, fosse capaz de corresponder as pretensões de verdade que permeavam as expectativas em torno de seus relatos. Existe ainda um componente político que reforça essa necessidade, pois entendia-se

a história como uma ferramenta política indispensável para a legitimação do Estado monárquico, o qual passou a nomear cronistas oficiais, responsáveis não apenas por escrever a história do reino, mas também por fornecer, com a história *magistra vitae*, os ensinamentos necessários para o governo (CERQUEIRA; MEGIANI, 2020, p.14).

Por fim, é preciso destacar as divisões a respeito da escrita da história no século XVII estabelecendo diferentes campos para o exercício desse ofício. Tal divisão ficará mais que explícita ao observarmos as referências de Enrico Martínez, sendo que apesar do autor que destaca essa divisão, Luis Cabrera de Corodoba, ser contemporâneo a escrita do *Repertorio*, logo posterior as fontes de Martínez, algumas dessas características por ele pontuadas já se encontravam nas crônicas colônias. Resta apenas apresentar a divisão em si:

Luis Cabrera de Cordoba, em seu tratado, dividiu a história em divina – a qual subdivide-se em sagrada, que trata da religião e do que se refere a ela, como a santa escritura, e eclesiástica, que fala sobre os cânones, os concílios, os pontífices e as suas vidas, a vida dos santos e do governo da Igreja – e história humana – que, por sua vez, é subdividida em natural, como as que escreveram Aristóteles e Plínio sobre os animais e plantas, e história moral. Esta pode ser particular, que narra a vida e as virtudes de alguns homens, ou pública, quando narra os feitos de muitos (CERQUEIRA; MEGIANI, 2020, p.18).

Voltemos ao *Repertorio de los tiempos*. Observando as fontes de Enrico Martínez em específico, sobre o aspecto puramente cosmográfico, suas principais referências remetem-se a antiguidade grega, Ptolomeu, Platão e Aristóteles, como era usual nos

trabalhos dessa natureza durante o período em questão, o que já foi suficientemente pontuado nesse trabalho. Sobre a história da Nova Espanha contida no *Repertorio* os autores mais utilizados por Martínez foram: Toribio de Benavente Motolinía e José de Acosta²¹.

A maneira como pensamos os trabalhos desses cronistas e conseqüentemente o de Enrico Martínez parte de: “lembrar a necessidade de entender as regras que construíram os textos coloniais e evitar buscar nas crônicas uma abordagem inócua do passado, a exatidão, uma História ‘tal como ela realmente foi’” (KALIL; FERNANDES, 2012, p.65). Assim, para evitar perspectivas que se limitem a uma visão estritamente objetiva do conteúdo dessas obras, é importante pensar as dinâmicas que envolvem tanto o enunciado quanto o enunciador, de forma que as fontes passem a ser vistas como resultados das tensões que envolveram o período de sua produção e publicação (REIS; FERNANDES, 2006, p.38-39). Sendo que devemos lembrar que mais do que o conteúdo em si elas carregam todo um repertório de ideias de determinado momento traduzido pela perspectiva de seus autores, que acabam por representar a realidade partindo de seus próprios preconceitos.

Dado o recorte desse trabalho, as dinâmicas aprofundadas quanto ao conteúdo de uma fonte têm sua análise restrita ao *Repertorio de los tiempos y historia natural desta Nueva España*. Dessa forma, ao pensar as referências dessa obra limitamo-nos uma breve apresentação de seus autores e de um elemento central que caracterize seus trabalhos, por acreditar que isso será suficiente para determinar o dito conjunto de ideias que está por detrás e marca determinada fonte influenciando a obra de Martínez. Resta então refletir a respeito das figuras de Motolinía e José de Acosta, para que o estabelecimento das bases sob as quais analisaremos o *Repertorio de los tiempos* esteja concluído.

Começemos com o Frade Toribio de Benavente Motolinía, um dos primeiros missionários que vieram para a Nova Espanha em um grupo formado por outros 12 religiosos no ano de 1524. Motolinía foi, segundo Miguel Leon Portilla, o primeiro a observar a maneira como os povos de cultura *nahua* registraram, com seus próprios métodos e conforme sua própria maneira, sua história e o contato com os espanhóis

²¹ Sobre a principal obra de cada um desses cronistas ver: ACOSTA, José de. *Historia natural y moral de las Indias*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1999. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc571b4>; MOTOLINÍA, Toribio Benavente. *Historia de los Indios de la Nueva España*. CASTANY, Bernat; SERNA, Mercedes (eds.). Madrid: Real Academia de La Lengua Española - Centro de Edición de Los Clásicos Españoles, 2014.

(PORTILLA, 2003, p.8). O resultado do encontro com essas perspectivas é *Historia de los indios de la Nueva España*, porém é perceptível que rapidamente que

esse relato não sugere uma “história dos índios” – conforme anuncia o título (que é posterior à confecção do manuscrito, possivelmente do século XVII), mas sim uma história dos trabalhos pastorais dos franciscanos junto aos indígenas, possibilitando a passagem da idolatria à conversão cristã (REIS, 2007 p.4).

Apesar das semelhanças entre as obras no que se refere as constantes condenações dos indígenas pela idolatria, esse é um fator comum da grande maioria dos cronistas do período. A principal influência desse missionário na obra de Martínez corresponde ao dito calendário que mencionamos na introdução desse trabalho que teria sido compilado pelo frade e foi utilizado para o desenvolvimento do *Repertorio de los tiempos*. Tal registro é apontado por Martínez como sua principal fonte para a história da Nova Espanha anterior a Conquista. Esse calendário levou o cosmógrafo a declarar que: “*me quitó de todo punto la duda que antes tenía de cómo se podía tener noticia de sus cosas, y referir con puntualidad, lo sucedido de mil años atrás como lo hacen*” (MARTÍNEZ, 1948, p. 123).

Quanto a José de Acosta, esse cronista foi um jesuíta espanhol que esteve tanto no Vice Reino do Peru quanto da Nova Espanha no decorrer do século XVI. O trabalho de Acosta consiste na organização de informações vindas dos mais diversos povos ao redor do mundo de maneira a comparar com as informações que obteve a respeito dos indígenas na América em especial nas duas regiões listadas acima. O resultado por ele expresso na *Historia natural y moral de las Indias* é um sistema para hierarquizar as diversas populações colocadas dentro da categoria europeia de “bárbaros” sendo que a partir de diversos contrapontos Acosta privilegia além da religião as formas de escrita como maneira de classificar essa variada seleção de povos. Dentro dessa noção o jesuíta entende que tanto os povos indígenas de ambos os vice-reinos carecem de uma “verdadeira escrita”, conforme sua própria concepção quanto ao que define ou não essa forma de registro e comunicação, colocando-os então “em nível inferior aos outros bárbaros, como os chineses e japoneses, que tinham uma escrita através de signos que representavam determinadas coisas” (MURGUÍA, 2006, p.7).

O trabalho de Acosta era voltado para os “letrados europeus em geral, entre os quais se difundiria uma justificativa à evangelização das Índias baseada numa explicação histórica providencialista atualizada, isto é, que incorporara os eventos ocorridos entre o

fim do século XV, e o fim do século XVI” (SANTOS, 2009, p.27). A tentativa de inserir o novo na história é também um dos desafios de Martínez, nesse sentido a influência de José de Acosta é evidente quando o cosmógrafo tenta justificar a presença de seres humanos no Novo Mundo, pois dentro de uma cronologia que coloca a narrativa bíblica do dilúvio como uma verdade absoluta tal fato ocasionava em um grande problema teológico que muito foi debatido por pensadores da época. Como aprofundaremos no capítulo seguinte a solução apontada por Martínez parte da hipótese de José de Acosta que existe uma ligação entre a América e a Europa que tornou possível a migração de populações de um continente para o outro.

Com isso, estão colocadas as premissas necessárias para a análise do *Repertorio de los tiempos y historia natural desta Nueva Espanha*. Seu autor, Enrico Martínez, um *expert* que se difere de boa parte daqueles que participaram do processo de mundialização do pensamento ibérico, pela postura irredutível e ortodoxa no que tange os quadros do pensamento europeu. Esse elemento repete-se também na diferença entre Martínez e a figura usual do cosmógrafo Renascentista. Somado as referências por ele utilizadas, que podemos situar como crônicas colônias e encaixar seu conteúdo na divisão de Luis Cabrera de Cordoba como uma história moral. Dadas as características desses dois fatores é inegável a presença de um forte elemento religioso em toda a narrativa do *Repertorio de los tiempos* como o principal traço que norteia o trabalho do cosmógrafo. Tendo todos esses quadros estabelecidos olhemos para o *Repertorio*.

4. CAPÍTULO III: Uma concepção espacial do globo e a história da Nova Espanha no *Repertorio de los Tiempos*

4.1. A imagem do mundo de Martínez

No decorrer desse trabalho apresentamos, de maneira geral, como Enrico Martínez concebeu espacialmente o mundo e o universo como um todo. Agora devemos retomar e aprofundar essa questão de forma a abordar alguns dos problemas teológicos e cosmológicos que o *Repertorio de los tiempos*, assim como todos os trabalhos cosmográficos, teve que encarar devido a aparição da América nos quadros teóricos da cultura europeia. A obra inicia-se a partir da cosmogonia, ou seja, apresentando as origens do universo como um todo, presente especialmente no primeiro tratado *Del mundo em general, y em particular de la Region Celeste* sendo que a partir do segundo, *Las partes e calidades de la region elemental*, Martínez se concentra no planeta habitado em questão utilizando da divisão em continentes em um processo que se direciona para as descrições a respeito da Nova Espanha em específico, tema em que o autor mais se aprofunda no *Repertorio*.

O modelo universal apresentado por Enrico Martínez era geocêntrico, como mencionado, dividia o universo em duas partes: a Região Elemental, que a grosso modo corresponde ao que hoje entendemos como nosso planeta e cujo formato era descrito como perfeitamente redondo, e a Região Celestial referente a tudo que se encontra acima dos céus. Toda a matéria que compõem esse sistema provém dos quatro elementos que se sobrepõem, conforme a massa de cada um, estando ordenados de maneira decrescente da seguinte maneira: terra, água, ar e fogo. Os elementos também são classificados como úmidos ou secos e quentes ou frios.

Todas essas descrições também são permeadas pela narrativa do Evangelho, tanto nas constantes adjetivações referentes a perfeição do universo resultante da ação divina, quanto na premissa que diferencia essas explicações cosmogônicas daquelas que marcaram a Antiguidade grega. No *Repertorio*, ao contrário do que diziam os antigos, admitia-se que o universo pode ter surgido do nada, dada a natureza da obra divina, sendo recomendado ao leitor a obra de Tomás de Aquino especialmente no que se refere a definição de Deus como a causa primeira (MARTÍNEZ, 1948, p.4).

Essa categorização do universo como perfeito é também importante para a explicação dos fenômenos naturais que derivam do movimento de cada parte,

especialmente dos astros da Região Celestial. Logo a perfeição é necessária não apenas por ser o resultado de uma obra divina mas também como o critério que pressupõem o funcionamento desse universo como um todo, visto que ele está atrelado ao movimento de cada parte (MARTÍNEZ, 1948, p.7-9). Essa prerrogativa é o que em parte, visto que Martínez faz algumas restrições quanto ao seu uso por ele de maneira vulgar como, permite a inserção da astrologia como um campo científico dentro do *Repertorio*. Assim, o movimento dos diferentes astros influencia tanto outros corpos celestes quanto a região Elemental.

Martínez faz uma divisão dos céus considerando que não vemos um movimento uniforme e idêntico entre as diferentes estrelas e planetas no céu que enxergamos, logo elas não poderiam estar presentes no mesmo nível celeste. Lembramos que para o cosmógrafo o universo é geocêntrico, ou seja, a terra no seu centro é estática, sendo as mudanças nos céus provenientes do movimento dos astros. Dessa maneira o universo era imaginado como composto por dez diferentes céus, sendo que o décimo, conforme a perspectiva humana, ou primeiro, conforme a ordem natural, é onde se encontra o dito primeiro móvel cujo movimento é o mais rápido dentre os corpos celestes, sendo que é a partir dele que se iniciam sucessivamente o movimento dos astros nos outros níveis celestes (MARTÍNEZ, 1948, 14-15). Essa sucessão de movimentos celestes (conjunções de planetas, eclipses, translações e diversos outros), é tida como a causa de fenômenos climáticos, problemas de ordem médica, marcações temporais, composição da personalidade de um sujeito via seus vícios e virtudes²² dentre outros processos ocorrem na dita região Elemental.

Em geral as considerações acerca da região Celestial concluíram-se no âmbito da astronomia, definindo quais são os planetas, seus tamanhos, em quais céus se localizam, as influências que exercem, assim como uma descrição dos eclipses e outros fenômenos astronômicos. Nesse âmbito Martínez descreve o que hoje denominamos fusos horários apresentando a diferença de horas em diversas cidades do mundo, descreve como se determina a longitude e também apresenta um lunário (a sequência das fases da lua em

²² Nesse ponto a outra divergência de Martínez com relação, em especial, a Astrologia, mais especificamente aquela por ele categorizada como vulgar que se remete principalmente ao horóscopo quando utilizado como ferramenta para determinar a personalidade de um sujeito. O cosmógrafo considera que apesar das influências celestes sobre os indivíduos o livre arbítrio concedido por Deus aos seres humanos é superior. Logo esse é o fator mais influente quanto ao desenvolvimento dos vícios e virtudes carregados por determinada pessoa: “puede el hombre con la razón, discreción y prudencia dominar toda mala inclinación que por naturaleza tuviera” (MARTÍNEZ, 1948, p.29)

um determinado período de tempo) que compreende os anos de 1606 até 1620 assim como aponta quando ocorreram os eclipses entre 1606 e 1615.

A partir desse momento o *Repertorio* entra em seu segundo tratado onde é apresentada a Região Elemental em específico. Aqui Martínez aborda a maneira como os elementos que constituem materialmente o mundo material que habitamos, mas principalmente apresenta a divisão espacial do globo em quatro continentes, Europa, Ásia, África e América. Cada continente é caracterizado em linhas gerais, sendo que o cosmógrafo se aprofunda mais nas questões que envolvem o Novo Mundo e em especial, como dito anteriormente, o Vice-Reino da Nova Espanha.

Sobre a Europa é apresentado os principais reinos existentes: Espanha, França, Itália, Alemanha, Grécia, Hungria, Polônia, Suécia, Noruega, Flandres e Inglaterra. O cosmógrafo também destaca a Europa como sendo em relação aos outros continentes que compõem o mundo “*La principal parte destes quatro*” (MARTÍNEZ, 1948, p.119). A Ásia é lembrada por ter sido o local onde desenvolveram-se as primeiras monarquias da história: persas, assírios e medos. Segundo o Evangelho: lá foi criado o primeiro homem, o nascimento, a vida e morte de Cristo deu-se nesse continente e quase todo o Antigo e Novo Testamento foi aqui escrito. Dividida em 5 partes segundo os impérios que então existiam: aquela governada pelo duque de Moscou que faz fronteira diretamente com a Europa, que hoje corresponde do Mar Cáspio e das Montanhas Urais até o Oceano Pacífico; a pertencente ao imperador do Tártaros (termo genérico usado durante a Idade Média para se referir aos mongóis); o império dos Turcos onde se encontra a terra Santa; a Pérsia; e no extremo Oriente a Índia “de Portugal e por fim a China” (MARTÍNEZ, 1948, p.119).

O continente africano é apresentado através de suas divisões sendo que algumas partes são mais caracterizadas que as outras por algum aspecto específico. São elas: Beberia (atual Magreb); Numídia (parte da Argélia e Tunísia) descrita “pouco habitada e pouco fértil” e pela produção de tâmaras; Líbia que significa deserto; a chamada terra dos Negros que se estende por mais de mil léguas do Cabo Verde ao Cabo da boa esperança; o Egito conhecido pela fertilidade, pelo Rio Nilo e pela capital Cairo descrita como uma das maiores cidades do mundo e por fim aproximadamente no centro do continente africano está o reino da Nubia, onde reside o rei dos *Abbassinos*, comumente chamado de Prestes João (MARTÍNEZ, 1948, p.119).

A América é chamada de Novo Mundo por não estar em contato físico direto com o restante dos continentes e pelo fato dos antigos não terem certeza quanto a sua

existência. É elogiada por sua grandeza e riqueza que excedem qualquer parte do globo e é dividida em duas conforme a colonização espanhola: Nova Espanha e Peru. Suas dimensões estendem-se do estreito de Magalhães ao estreito de Anian (isso é dito com um tom de possibilidade, pois o estreito Anian existia como uma suposição de um estreito que terminava na passagem Noroeste, que também existia até então apenas no campo do possível). Essas dimensões somam, segundo Martínez, um tamanho de 2178 léguas de Norte a Sul e 1277 léguas de Leste a Oeste. Novamente contrariando a tradição dos antigos que questionavam a possibilidade de vida na região entre os trópicos, na América essas são descritas como as regiões mais férteis e apropriadas para se viver (MARTÍNEZ, 1948, p.119-120).

Além da existência dessas, um problema maior foi suscitado não apenas pela existência do continente em si, mas sim pela de seus habitantes. Não sob o ponto de vista de ser ou não possível viver entre os trópicos, mas pela dificuldade de inserir essas populações dentro da narrativa do Evangelho. A cronologia tradicional europeia regente no princípio da Idade Moderna constantemente buscava encontrar uma forma de inserir as mais diversas dinastias, povos e suas histórias dentro de uma linha temporal em que eventos da narrativa bíblica do Gênesis eram praticamente irrefutáveis (ROSEMBERG; GRAFTON, 2010). Assim, o problema envolvendo a existência de seres humanos na América remonta ao Dilúvio.

Conforme esse relato, pereceram todas as coisas da terra, exceto as que embarcaram na arca de Noé cuja linhagem de seus filhos vieram a povoar a Ásia, depois Europa e África o que é admissível, pois estes continentes estão ligados por terra. Logo a pergunta que muitos letrados, incluindo Martínez, seus antecessores, contemporâneos e aqueles que o sucederam visto a profundidade do problema que buscaram responder, é: como vieram os primeiros habitantes para o Novo Mundo se este está cercado por mar?

A maneira como Martínez desenvolve a resposta a essa pergunta se encontra muito no âmbito do possível, sendo que o cosmógrafo evita afirmações conclusivas e indiscutíveis a respeito desse problema. Partindo da noção que algum tipo de migração ocorreu de outro continente para América, cumpre-lhe estabelecer como isso ocorreu. A ideia de uma travessia por mar é prontamente descartada, tanto pelas distâncias e pelos conhecimentos náuticos atribuídos aos antigos, mas também pela impossibilidade de que tenha-se levado a fauna de uma região para outra dessa maneira. Logo a hipótese de uma migração por terra parece mais adequada, sendo que Martínez é fortemente influenciado pela ideia popularizada por José de Acosta que acredita ser possível a existência de uma

ligação por terra entre Ásia e América que permitiu a dita migração (BRAMBATS, 1986, p.110). Então o cosmógrafo busca apresentar onde teriam se originado os povos indígenas da América, gerando assim uma hipótese original desenvolvida através de sua própria experiência, conforme escreveu o próprio cosmógrafo:

Lo que acerca desto puedo afirmar, es haber visto y estado en una provincia de Europa llamada Curlant, que está en altura de de cincuenta y seis grados, longitud quarenta y cinco, estado de los duques della, que son vasallos de los reyes de Polonia, la qual provincia es poblada de una gente de la misma traza, color, condicion y brío de los indios desta Nueva España, excepto que son algo más corpulentos, como los Chichimecas, y el lenguaje que hablan es diferente del que usan las gentes de las otras provincias comarcanas de ella, que cierto pone admiración ver aquella gente baja y sujeta, siendo la gente de las provincias circunvecinas blanca, rubia y belicosa, por donde imagino ser aquella gente y ésta toda una, y lo que más me obliga a creerlo así, es ver que em mucha altura de Polo, hay poca distancia de las partes desta Tierra, tanto de Asia, y Europa, porque no hay ni con mucho tanta como las cartas de navegar demuestra; porque en altura de sesenta grados hay justamente no más de la mitad del leste a oeste de aquello que por las cartas se halla. La causa desto es, que todos meridianos concurren em los polos del mundo y según la fábrica de las cartas son los dichos meridianos líneas paralelas que jamás concurren, aunque se extiendan en infinito (MARTÍNEZ, 1948, p.121).

Martínez continua sua explicação afirmando que coisa semelhante pode ter ocorrido no Sul, mas que por não possuir qualquer evidência não abordaria o tema. Concentremo-nos na hipótese de que os habitantes da região nomeada *Curlandia* e os indígenas pertençam a um mesmo grupo étnico²³. Tanto pelas dificuldades de situar qual a região e a população europeia a qual o cosmógrafo está se referindo, quanto pelas complicações de uma análise antropológica dos traços étnicos desse povo com os nativos da Nova Espanha, a verificação da hipótese em si seria demasiadamente complexa, mas seria, principalmente, pouco frutífera para o que se almeja nesse trabalho. Logo, é mais interessante ver algumas premissas utilizadas por Martínez na construção de seu argumento de forma a revelar os fatores que moldaram a maneira pela qual ele construiu sua imagem de mundo.

Essa forma de pensamento busca somar o novo aos quadros já determinados com a menor quantidade de rupturas possíveis ao que já estava estabelecido. Para isso são destacadas algumas evidências aparentemente concretas, como a aparência dos dois povos, e a partir delas parte-se para uma observação de algo que existe apenas no plano

²³ Essa suposição de Enrico Martínez foi mais ou menos aceita nas décadas seguintes. Na Espanha algumas figuras relevantes no pensamento letrado incluem-na como uma das possíveis origens dos povos indígenas até a metade do século quando essa questão passa a ser ignorada, pois as bases da epistemologia espanhola, fortemente baseada em Tomás de Aquino, não eram capazes nem de confirmar nem de refutar qualquer hipótese quanto a esse tema (BRAMBATS, 1986). Na América seus leitores mostraram-se mais céticos quanto a suas hipóteses (GRUZINSKI, 2014, p.147).

do possível, nesse caso a distância entre os dois continentes. Cabe lembrar que, exemplarmente, o caso da exploração e determinação da magnitude do Oceano Pacífico demonstra como certas hipóteses resistiram até mesmo ao aparecimento de evidências contrárias: “nem mesmo a viagem de Magalhães, que havia revelado a extraordinária amplitude do Pacífico, foi capaz de convencer cartógrafos e marinheiros da verdadeira dimensão do globo” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2009, p.250).

No caso aqui abordado, é evidente que foi dentro das lacunas que mantém essa parte de determinada crença ainda no campo de uma hipótese que Martínez insere determinadas convicções com o mínimo de contradições possíveis as tradições. Lembramos que, nesse caso, a premissa pela qual teve início toda essa discussão quanto a proximidade dos continentes nos polos do globo foi a necessidade de inserir os nativos nas narrativas bíblicas em especial a algo que parece impossível: o Dilúvio. Como visto no primeiro capítulo desse trabalho, as crenças que pareciam entrar em revolução com as descobertas iniciadas ao fim do século XV operaram de uma maneira em que o Novo era absorvido por acréscimo as tradições antigas sem que de fato essas fossem questionadas, logo é no âmbito das possibilidades, do inexplorado, que foi desenvolvida uma explicação que não negue a cronologia europeia. Nesse caso bastou aproximar Europa e América na região dos polos.

Outro exemplo de como essas crenças determinam a disposição espacial do globo no imaginário europeu é a hipótese quanto a existência do estreito de Anian²⁴. Essa foi uma questão que inquietou não só Martínez, como diversos cartógrafos, pilotos e navegadores europeus. A existência de Anian está vinculada ao desconhecimento das dimensões da América do Norte, sendo que quando se admitia sua existência isso tendia também a afirmação da proximidade dessa porção do continente com a Ásia. Tal estreito era profundamente sedutor aos interessados em estabelecer rotas comerciais com a Ásia: “Informes falsos, registrados em fins do século XVI, recortaram as costas americanas do Pacífico com um braço de mar batizado como estreito de Anian ou estreito Juan de Fuca, que penetrava, sedutor, na direção leste” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2009, p.315).

²⁴ Também supôs-se por muito tempo que o estreito de Anian oferecia um caminho para a famosa Passagem Noroeste que ofereceria uma ligação para o Oceano Ártico sendo imaginada como uma rota viável para alcançar a Ásia em especial para navegadores saindo da Inglaterra. A Passagem Noroeste é um caso curioso da sobrevivência de um mito no imaginário de exploradores, em 1630 prevalecia um ceticismo quanto a viabilidade de uma travessia por ela. Isso freou a exploração dessa região até o final do século XVII e início do XIX quando diversas expedições de resultados exploraram a dita Passagem. Com resultados catastróficos confirmou-se o labirinto de águas congeladas e *icebergs* que era a dita passagem tornando-a inviável para travessia (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2009, p.389).

Logo, também foi a existência de Anian outra hipótese cômoda para aqueles que buscavam uma maneira de determinar como deram-se a migração de seres humanos para o Novo Mundo. Em geral a persistência desses e diversos outros mitos vinculados ao longo processo de descobrimento da imagem do globo e de suas diversas partes foi um fenômeno que persistiu longamente através dos séculos. Felipe Fernández–Armesto atribui isso principalmente ao “resultado de programas teóricos ou políticos aliados à força do desejo” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2009, p.314). No caso de nosso cosmógrafo, as forças principais estão ligadas mais às concepções teológicas de Martínez. Assim como essas foram um molde notável em sua concepção espacial do globo, elas também estarão presentes em sua narrativa da história da Nova Espanha.

4.2. Narrativa da História da Nova Espanha no *Repertorio de los tiempos*

Retomando a ordem da estrutura do *Repertorio de los tiempos*, após demonstrar a impossibilidade de definir algum tipo de migração para a América no hemisfério Sul Martínez expressa seu interesse em escrever a respeito das coisas da Nova Espanha. Então dará início a uma história da região iniciando com a origem e expansão do império Mexica, destacando cada um de seus soberanos até *Montezuma II*. O cosmógrafo faz um alerta ao leitor: a falta de escrita nas sociedades indígenas²⁵. Logo ele apresenta um calendário, que teria pertencido a Motolinía e agora está em suas mãos, como a forma de registro dessa sociedade. Esse calendário é descrito como uma roda usada para marcar o tempo e festas, mas também como livro de tamanha clareza com que se destacava qualquer coisa neles. Martínez demonstrava certa admiração pela capacidade de registrar eventos que remontam até mil anos no passado. Cada roda tinha 52 anos. Cada ano tinha 18 meses e cada mês 20 dias, sobrando 20 dias que eram de festa. Cada marcação (ano, mês, dia) possuía uma figura para ser caracterizada (ex: coelhos, cana) (MARTÍNEZ, 1948, p. 122).

Segundo Martínez, os habitantes da região migraram para ela vindos de terras ao norte, sendo que sete linhagens realizaram esse ato. Essas linhagens iniciam esse processo

²⁵ O que Martínez chamava de falta de escrita refere-se ao fato dos Mexicas não utilizarem uma escrita alfabética. Os Mexicas, em especial as elites, utilizavam-se do que pode ser caracterizado, conforme Eduardo Natalino, como escritos “pictográficos”, ou seja, uma junção entre elementos *pictóricos* e *glíficos*, visto que ambos são prevalentes na chamada *tlacuilolli* termo nahuatl que pode ser traduzido como escrita-pintura. Existem registros dessa forma de escrita que antecedem em séculos a chegada dos europeus. (SANTOS, 2009, p.26).

por volta do ano 800 d.C. (pelo calendário gregoriano), e habitam a Nova Espanha sem oposição dos nativos²⁶ que não faziam uso da terra. Essa “migração” teria sido feita por ordem dos deuses indígenas (a quem Martínez chama de falsos deuses). As linhagens passam a desenvolver a agricultura na região e se difundem para outros locais conforme os deuses ordenavam. Por isso Martínez afirma ser a língua mexicana comum a toda a Nova Espanha. As seis primeiras linhagens que vieram a Nova Espanha, foram: *Xuchimilcos*, *Chálcos*, *Tecpanecos*, aqueles que povoaram *Tetzcuco* (uma cidade-estado), *Tlatluicas* e *Tlaxcaltecos*. Ao fazer menção a sexta, os *Tlaxcaltecos*, Martínez fornece alguns detalhes a mais como o fato de terem ajudado os espanhóis na Conquista (MARTÍNEZ, 1948, p.123-124). A sétima linhagem corresponde ao que viria ser os mexicas que chegam 300 anos após a primeira. Traziam seus sacerdotes e seus ídolos que os prometiam reinar sobre as 6 outras linhagens. Seu chefe se chamava Mexi e a partir da derivação de seu nome Martínez aponta a origem do termo mexica. O autor ainda aponta que o ídolo (a quem chama de Demônio) tem grande influência sobre as decisões e ritmo com qual os mexicas executavam seus atos (MARTÍNEZ, 1948, p.124).

As descrições que seguem a respeito dos nativos passam a ser completamente centradas nos mexicas, destacando que, como sempre, conforme as orientações de seus ídolos, esses povos se desenvolviam através de conflitos com as outras linhagens, em especial os *Tecpanecos* e futuramente os *Xuchimilcos*. É destacado algumas das alianças feitas na ocasião desses confrontos, com povos de *Tetzcuco* e *Culhuacan*. Fora a relação direta com seus vizinhos e conseqüente estabelecimento de uma certa hegemonia mexica sobre a região, Martínez também aponta a criação e desenvolvimento da cidade de *Tenochtitlan*, em especial seus canais de irrigação que rendem um elogio a *Acamapichtli*, monarca responsável por sua criação (MARTÍNEZ 1948, p.126). Outro ponto que o cosmógrafo faz questão de enfatizar é a prática de sacrifícios humanos citando alguns momentos notáveis em que isso ocorreu, como por exemplo na coroação de *Montezuma*²⁷, em que foram trazidos cativos da província de Chalco para sacrifício e depois tal região e outras vieram a ser conquistadas. (MARTÍNEZ 1948, p.129)

²⁶ Esses povos que habitavam a região, antes das ditas sete linhagens, são caracterizados como: “bestias”, praticantes apenas da caça, que andavam nus e desprovidos de qualquer religião (MARTÍNEZ, 1948, p.123).

²⁷ Esse monarca é o primeiro com o nome de *Montezuma*, sendo uma pessoa distinta de *Montezuma II* que reinava na ocasião da chegada de Cortés e da Conquista. Tal distinção entre os dois permanece no restante desse trabalho.

Todos esses eventos são apresentados em uma narrativa linear construída de maneira sucessiva e que persiste até o evento da coroação de *Montezuma II*. Conforme o próprio cosmógrafo descreveu, esse monarca havia sido um dos 4 eleitores para rei no passado, e tornou-se o nono rei. Foi descrito como um homem muito religioso e após a maior festa de coroação seu orgulho era tanto que declarou-se um Deus e tal soberba, segundo Martínez, era traduzido na prática por certos hábitos como por exemplo: “*Nunca caminava por sus pies, sino em hombros de señores, y si algún plebeyo se atrevía à mirarle a la, cara moría por ello*” (MARTÍNEZ, 1948, p.131). Dito isso é destacado que foi com *Montezuma II* que o Império Mexica chega ao auge de sua grandeza, porém, como coloca o próprio cosmógrafo, como tudo que cresce tal império também teve seu declínio (MARTÍNEZ, 1948, p.132). É com isso que Martínez interrompe temporariamente sua narrativa para demonstrar como existiam indícios da queda dos mexicas. Tais indícios foram apresentados na forma de prognósticos ou presságios, que são abordados aqui inicialmente quando tratarmos da descrição da Conquista, e em quando especificamente relacionarmos esses prognósticos com a percepção de tempo das partes envolvidas: os indígenas e Martínez.

Conforme buscou-se demonstrar, a narrativa de Martínez sobre a história da Nova Espanha está inserida em uma tradição maior. Em *Historia Global: Una nueva visión para el mundo actual* Sebastian Conrad aborda o *Repertorio* no capítulo 2: *Breve historia del pensamiento global* utilizando da fonte para exemplificar como o ser humano sempre buscou situar-se em contextos maiores, sendo que para isso sempre desenvolveu noções a respeito da definição de mundo (CONRAD, 2017, p.21). Sobre essa ótica Martínez, aparece dentro do que o historiador nomeia “*cuadros de historia universal*”, estando vinculado a necessidade de responder o “dilema cosmológico que representou a descoberta do Novo Mundo” (CONRAD, 2017, p.24-25). Parte desses dilemas provém da necessidade de entender a história da América e seus habitantes em uma história universal, de caráter marcadamente religioso, já estabelecida nos quadros ideológicos dos pensadores europeus. Esse processo pode ser visto pela forma como Martínez aborda a Conquista.

O principal ponto a ser tomado como foco é a inserção, por parte do escritor, de presságios a respeito da queda do império Mexica, buscando entender como e porque essas visões são ressignificadas dentro da narrativa. Além disso, pretende-se entender o papel simbólico que esses sinais tiveram, tanto para os espanhóis que vieram a descrever o fato quanto para os indígenas. A presença desses presságios na narrativa é justificada

por Martínez através da tradição bíblica: “*vemos que la sagrada Escritura da testimonio de los prodigios sucedidos en diversos tiempos, a que se siguieron notables calamidades*” (MARTÍNEZ, 1948, p.132). Até mesmo passagens registradas em momentos e locais completamente distintos em relação a Conquista são empregados dentro da obra reforçando a ideia de um providencialismo em relação ao empreendimento ibérico na América.

Um exemplo dessa característica no *Repertorio* é quando Martínez cita um relato presente no livro *Historia de la vida y hechos del emperador Carlos V*, do Frei Prudencio de Sandoval. Essa passagem é citada diretamente e diz respeito a visões dos habitantes da cidade de Bérgamo, em 1517. A visão consistia em uma intensa batalha entre dois exércitos, com duração de meia hora, que se repetia de três a quatro vezes por dia em um período de oito dias. O frade analisa essa visão como sendo um presságio sobre as batalhas entre fiéis e infiéis. Quanto ao modo como Martínez apresenta essa visão em seu livro, não fica claro se ele estende a interpretação de Sandoval e se apropria desse presságio também para explicar a queda do Império Mexica sob a lógica do confronto entre fiel e infiel transposta para o Novo Mundo. Mas fica evidente a autoridade que tinham os prognósticos perante os cronistas da época (MARTÍNEZ, 1948, p.137-138).

Enrico Martínez também busca relatos indígenas que correspondem diretamente a passagens que anunciavam a chegada dos espanhóis e em sequência a queda do Império Mexica, sendo pelo europeu interpretados como uma punição para o imperador mexica *Montezuma II*:

habiendo reynado doce años em grande prosperidad haciéndose servir y respetar com demasía, usando de enormes crueldades y sacrificios, quiso Dios Nuestro Señor castigarle, y abatir sus altos y soberbios pensamientos y derrocar el imperio del Demonio que tanto se estendía en este nuevo Mundo; permitiendo su divina Magestad hubiese antes de ello, las siguientes visiones prodigiosas (MARTÍNEZ, 1948, p.136).

Assim, Martínez elenca diversos relatos retirados de cronistas espanhóis, como Motolinía e José de Acosta, relatando diversas passagens que podem ser definidas como espetaculares que anunciavam a queda do Império Mexica. De visões da chegada dos espanhóis dezessete anos antes do fato à profecias mais complexas como uma voz que ordenava a um camponês que olhasse para o chão onde subitamente aparecia a imagem de *Montezuma II*, em seguida a voz ordenava que o homem ferisse a imagem para que o monarca pagasse por seus pecados. Após obedecer o homem se dirige ao soberano para relatar o ocorrido e *Montezuma II* observa em seu corpo o aparecimento de uma cicatriz

no local que o camponês teria ferido a imagem (MARTÍNEZ, 1948, p.136-139). Depois dessa e de outras visões Martínez informa que chegou a *Montezuma II* um desenho de navios vindos do mar ao norte. Tal fato preocupa o soberano que solicita que o mantenham informado. A partir desse momento o cosmógrafo altera o foco da narrativa, passando a colocá-la sob a perspectivas de notáveis figuras europeias. Primeiro ele retorna à viagem de Colombo e em seguida aborda para a Conquista com Cortés.

Alguns pontos que foram destacados no *Repertorio* a respeito dessas figuras, começando com o navegador: para Martínez ele tinha certa noção de que existiam novas terras a oeste do Atlântico e também ressalta um caráter heroico de seus atos em suas viagens. Por exemplo o fato de Colombo ter sido traído por parte de sua tripulação o que fez com que além de ter que lidar não apenas com os contratemplos habituais dessas expedições também gerou a preocupação com ataques a sua reputação perante a Coroa. Por fim Martínez destaca certa humildade dessa figura que pouco foi capaz de aproveitar de suas glórias.

Sobre a expedição de Hernán Cortés essa é ainda mais exaltada. A figura do conquistador é descrita de forma heroica, como o sujeito que foi contra as ordens de seus superiores em direção ao êxito. Cortés é louvado por sua astúcia ao lidar com os diferentes polos envolvidos nesse processo: seus próprios homens, os superiores contrários a ele, mexicas e outros povos indígenas com os quais soube estabelecer alianças. Após uma longa jornada e diversas reviravoltas, auxiliados por seus aliados *Tlaxcaltecos* e também por milagres, como colocou Martínez, a empresa conquistadora sai vitoriosa²⁸. Por fim Martínez apresenta duas listas, uma contendo os reis mexicas e outra os com os vice reis espanhóis, descrevendo o tempo em que governaram e apontando alguns de seus princípios feitos.

Retomemos a questão dos presságios no nível da religiosidade dos mexicas. Conforme demonstram Geoffrey W. Conrad e Arthur A. Demarest em *Religión e imperio: dinámica del expansionismo azteca e inca*, a religião ocupa um papel central na organização política e social dos mexicas, sendo os presságios parte importante do quadro ideológico desse povo. Na análise aqui desenvolvida os presságios são uma forma pela

²⁸ A forma espetacular como foi descrita a Conquista no *Repertorio* e na grande maioria das crônicas coloniais somada ao desconhecimento de diversos fatores que afetaram esse processo, como o extermínio causado pela propagação de doenças vindas da Europa, levou a persistência de algumas dessas descrições extraordinárias na historiografia. Sobre a crítica quanto a esse tema ver: RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

qual as sociedades indígenas, nesse caso os mexicas, se organizavam socialmente a partir da relação que estabeleciam com as categorias de passado, presente e futuro. Os mexicas tinham nas profecias a respeito do futuro a base de seu pensamento, ou seja, tinham uma maneira de lidar com o tempo profundamente religiosa ao ponto que não existia futuro que já não tivesse sido determinado no passado via profecia. Essa é a perspectiva de Tzvetan Todorov em *A conquista da América: a questão do outro*, obra que apresenta como os conquistadores espanhóis e os mexicas tiveram um grande e decisivo embate na tentativa de apropriação dos símbolos de seu adversário referentes ao entendimento de mundo de ambas as partes, os presságios indígenas foram produzidos *a posteriori* para compreender o incompreensível, ou seja, fazer com que o fato, a Conquista, fosse “absorvido numa ordem de crenças preexistente” (TODOROV, 1983, p.72). Ao chegar aos ouvidos de determinados cronistas espanhóis, fontes de que Martínez alega ter retirado as passagens em questão, esses presságios recebem um novo sentido intimamente ligado com a mentalidade europeia da época.

A um nível narrativo esses presságios podem ser associados a ideia da “verdade cristã” exposta no capítulo anterior. Porém ainda resta um problema referente as interpretações quanto as concepções de tempo das partes aqui envolvidas, tema que será explorado especialmente através do uso desses presságios. Em especial isso remete a relação dos mexicas com o tempo. Conforme apontam interpretações mais recentes na historiografia essa relação com o tempo é mais complexa do que a obra de Todorov deixa a entender. Logo resta refletir de maneira aprofundada sobre essa questão de forma a compreender como Martínez se apropriou dos relatos indígenas no nível da temporalidade, o que é ainda mais revelador da perspectiva que esse autor construiu sua obra.

4.3. Presságios e temporalidade

Os presságios estão intimamente ligados com a concepção de tempo de determinado povo. Logo, ao serem incorporados em uma narrativa produzida com fins distintos em relação aqueles que originaram determinado presságio, esse passa por um processo de ressignificação para adequar-se ao novo quadro em que está sendo inserido. Cabe então buscar entender o que significam esses prognósticos tanto dentro da tradição mexica quanto para Enrico Martínez. Anteriormente apresentamos a visão de Todorov sobre o significado dessas visões, porém ressaltamos que existem problemas em sua

interpretação. Tais problemas estão vinculados a forma com que o filósofo define a concepção de tempo dos indígenas. Sendo então necessário analisar tanto as ideias de Todorov, quanto verificar os problemas dessa interpretação, comecemos nossa análise de maneira inversa. Ou seja, ao contrário de verificar o significado dessas visões para as sociedades que as produziram, observemos inicialmente a perspectiva expressa por quem as reproduziu e ressignificou: Enrico Martínez.

Anteriormente, ao apresentarmos a narrativa do *Repertorio de los tempos*, abordamos como a presença dos prognósticos na obra é justificada a partir de exemplos do Evangelho. Sob um ponto de vista da temporalidade a arte de realizar previsões ao olhar para o futuro foi algo que prevaleceu com algumas alterações ao longo do tempo. Porém, as incertezas que rodeiam o futuro são uma constante em qualquer contexto. Portanto:

Se prescindirmos de qualquer experiência histórica, podemos dizer ou que o futuro é completamente desconhecido (então qualquer prognóstico nada mais é do que um jogo de azar) ou que existem (e a experiência histórica fala a favor disso) graus de possibilidade maior ou menor com que a realidade vindoura pode ser prevista (...) nesse caso, deve então existir uma arte da previsão que ofereça regras mínimas para seu êxito (KOSELLECK, 2014, p.192).

Essa arte da previsão está fortemente ligada a análises que levam em conta diferentes níveis de duração buscando encontrar padrões que indiquem previsões com maior possibilidade de ocorrência. Ainda que essa seja uma prática mais característica em prognósticos de cunho político que se difundem em especial devido as revoluções do século XVIII, a *historia magistra vitae* também tinha lugar para os presságios de eventos singulares. Logo os prognósticos baseavam-se no aprendizado característico dessa percepção a respeito da história. Como observa-se no *Repertorio* de Martínez os presságios já iluminaram eventos antigos, sendo que uma marca da experiência desse e de outros autores que utilizavam dessa prática para também atribuir um sentido voltado para a ordem divina dos acontecimentos. Portanto: “Nenhuma predição saía dos limites cobertos pela história passada. Isso era válido também para as profecias astrológicas e teológicas, que permaneciam presas as leis planetárias ou a antigos presságios” (KOSELLECK, 2006, p.80).

Assim, temos da parte de Martínez uma percepção dos presságios legitimada pelo campo de experiência advindo especialmente do Evangelho. Isso leva a consideração em alta estima das extraordinárias visões que o cosmógrafo atribui aos mexicas quanto a Conquista. Existe ainda as previsões a respeito de eventos que ainda não ocorreram.

Temos um exemplo desse caso no quinto tratado do *Repertorio: Discuro hecho sobre la magna conjunción de los planetas Júpiter y Saturno* onde Martínez reproduz a opinião de diversos autores que se utilizando da lógica da cristandade, em especial o confronto entre fiel e infiel, traçam prognósticos que apontam a iminente queda do Império Turco Otomano. Outra forma de reforçar essas previsões é através de eventos da Região Celeste sendo que Martínez cita a passagem de um cometa pela Nova Espanha e afirma que esse fenômeno tem relação com o conteúdo do capítulo em questão. Porém, Martínez afirma que prefere dedicar esse evento para o segundo tomo do *Repertorio* (MARTÍNEZ, 1948, p.226-227).

Infelizmente essa continuação de sua obra nunca foi publicada, visto que a partir de 1607 Martínez dedica o restante de sua vida as obras de drenagem do Vale do México (MAZA, 1948, p.xxiii). Ainda assim podemos apontar para a relação que o estudo desses fenômenos naturais da Região Celeste tem com a arte dos prognósticos. Para isso relembremos o caráter divino que toda a criação possui, na concepção hegemônica da qual Martínez é parte, pois é resultado do perfeito trabalho de Deus. Lembramos que no início desse capítulo apontamos para o fato de que esse critério de perfeição é uma necessidade para conceber o funcionamento do universo. Logo, isso também é aplicado para os eventos utilizados para o estabelecimento de presságios. Temos, portanto, uma experiência temporal profundamente determinada pelos quadros estabelecidos pela interpretação do Evangelho, de forma que tanto passado quanto a ordem natural são interpretados através de concepções teológicas estabelecidas.

Devemos agora retornar para o momento em que surgem as visões a respeito da Conquista na sociedade mexicana. Para Todorov os presságios foram produzidos *a posteriori* ao evento da Conquista. A afirmação em si não apresenta nenhum problema, visto o caráter completamente inédito que eram as descobertas para todas as partes envolvidas. A concepção de tempo desses povos, para o filósofo, é cíclica e profundamente marcada pela realização de previsões de forma que o futuro nunca é construído e sim revelado. Logo surge o problema de inserir o evento singular que foi a chegada dos espanhóis dentro desse quadro. A solução foi criação desses presságios que inserem de forma a inserir o inadmissível na lógica desses povos. “E a solução é tão apropriada para à situação que ao ouvir o relato todos pensam lembrar-se de que os presságios tinham realmente aparecido antes da conquista” (TODOROV, 1983, p.72).

Porém a forma como o autor relaciona essa ideia com o quadro temporal das sociedades indígenas é problemática, visto que é demasiadamente simplista a forma como

se determina a concepção de tempo desses povos que carece de um exame mais aprofundado nas fontes²⁹. Lembramos que as fontes utilizadas por Todorov em sua obra foram: “os relatórios do próprio Cortez; as crônicas espanholas, das quais a mais digna de atenção é a de Bernal Díaz del Castillo; e, finalmente, os relatos indígenas, transcritos por missionários espanhóis ou redigidas pelos próprios mexicanos” (TODOROV, 1983, p.53). O exame de uma seleção de fontes mais amplas permite considerações mais aprofundadas quanto a concepção de tempo dos indígenas. Para isso aproveitamos as considerações feitas por Eduardo Natalino dos Santos na obra *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica* (2009).

Ao analisar uma seleção mais ampla de fontes, tanto em quantidade, mas também por considerar as diferenças entre aquelas influenciadas pela presença missionária, o historiador é capaz de determinar os problemas da simplificação da concepção de tempo nahua³⁰ em um caráter cíclico. Examinando os elementos que dão título ao trabalho Natalino dos Santos evidencia que é impossível dissociar os da narrativa histórica desses povos. Assim os relatos do passado distante e recente estão intimamente ligados com a cosmogonia:

O que chamamos de cosmogonia e de história eram partes articuláveis do passado para os nahuas e sobre as quais não pesava uma distinção de ordem qualitativa. Em outras palavras, os episódios relacionados ao passado recente e ao distante eram retratados basicamente da mesma forma, pois envolviam os mesmos tipos de âmbitos cosmográficos, de unidades calendárias e de personagens (...) Sendo assim, a cosmogonia era vista como um processo em curso, cuja última etapa se iniciara com a criação do Sol e do homem atuais, os quais também não durariam para sempre, pois cada idade teria seu turno, sendo substituída por algo relativamente distinto e semelhante. Em poucas palavras, o passado recente e a época atual também eram tempos cosmogônicos (SANTOS, 2009, p.390).

Isso implica na divisão do tempo em eras distintas, todas com um começo e um fim que indicam para a ciclicidade da concepção de tempo nahua. Porém, dentro de cada era a passagem do tempo e de eventos é vista de maneira progressiva e linear. Portanto tanto o caráter cíclico quanto linear eram parte da ideia de tempo desses povos. Resta ainda responder a maneira pela qual foi feita a apreensão e ressignificação da narrativa o

²⁹ De forma alguma isso gera problemas para a tese central da obra de Todorov, visto que a importância dela, conforme bem compreende e demonstra o próprio autor, não é o contexto da produção dos presságios e de outros elementos presentes no entendimento da Conquista e sim sua recepção: “A recepção dos enunciados é mais reveladora para a história das ideologias do que sua produção” (TODOROV, 1983, p.52)

³⁰ O uso do termo nahua amplia o objeto de análise para todos os povos da mesoamérica que se encaixem nesse grupo linguístico.

passado desses povos por parte dos colonizadores. Tal problema é reproduzido no *Repertorio de los tiempos*.

Esse processo é o mesmo que em boa parte induziu historiador do presente ao erro, quanto ao entendimento da concepção de tempo nahua, pois resultou numa grande simplificação da perspectiva desses povos. Estamos falando sobre a fabulização do passado nahua. Conforme Eduardo Natalino dos Santos:

A desarticulação entre episódios cosmogônicas e marcos calendários e cosmográficos detectada em parte de nossas fontes centrais relaciona-se com a fabulização do passado nahua, processo que estava sendo realizado principalmente pelos missionários cristãos. Por julgar que os relatos nahuas sobre o passado eram fruto de inspirações demoníacas ou concorrentes das explicações bíblicas, os missionários os destituíram das informações que poderiam dotá-los de verossimilhança, tais como as informações calendárias, cosmográficas e toponímicas, bem como de sua amplitude temporal, superior à que se encontra presente nos textos bíblicos (SANTOS, 2009. p.391).

Claramente esse processo é reproduzido por Martínez que apresenta as divindades mexicas como ídolos e demônios, abandonando qualquer narrativa sobre a origem desses povos produzida pelos próprios em prol da ideia de migração de José de Acosta. Tal foi a maneira de inserir os habitantes do novo continente dentro da narrativa do Evangelho. Em termos de história isso foi acompanhado pelo amplo destaque que os presságios de sua queda tiveram dentro da narrativa. Isso foi feito não apenas como forma não de explicar e justificar a Conquista, mas inserir os derrotados dentro dos quadros ideológicos de nosso cosmógrafo.

4.4. A inserção do Novo em moldes antigos

Como apresentado no início desse trabalho o aparecimento do *ser* América na cultura ocidental deu-se através de um processo de Invenção iniciado após as viagens de Colombo que conferiu as terras encontradas um determinado sentido, ou seja uma maneira de construção do continente americano como uma ideia dentro dos quadros teóricos, nesse caso ocidentais. Apesar de manter a formulação ontológica América entendemos que as qualidades que compõem as características desse ser alteraram-se ao longo do tempo mediante condições específicas de se pensar o continente. O *Repertorio de los tiempos* carrega uma dessas diversas percepções, sendo que com o que foi até aqui analisado temos informações suficientes para sistematizar a ideia de Enrico Martínez quanto a essa questão.

A “Invenção” feita pelo cosmógrafo pode ser observada pela maneira como estão articuladas as concepções espaciais e temporais do autor. Nesse sentido ambas estão enquadradas dentro da perspectiva religiosa do autor. Isso implica no fato de que a compreensão do novo deve obedecer a moldes já muito bem estabelecidos nos quadros teóricos europeus. Cabe lembrar que essa foi uma tendência nos trabalhos cartográficos e cosmográficos no período como apresentamos no capítulo I quando destacamos que a geografia de Ptolomeu continuou sendo a principal referência de cartógrafos e cosmógrafos no início da Idade Moderna.

Espacialmente apresentamos a maneira como o reconhecimento do Dilúvio dentro da cronologia forçou Martínez, assim como muitos outros, a inserir o continente americano no globo com uma proximidade maior aos continentes já conhecidos. Isso ocorreu devido ao problema teológico que esses teóricos encaram quanto as origens dos povos indígenas devido dessa narrativa bíblica como um fato absoluto. No mesmo campo teológico também se destacam as questões de ordem temporal na obra de Martínez. Ao ressignificar os prognósticos indígenas dentro da narrativa do *Repertorio de los tiempos* o autor insere a história desses povos dentro de uma lógica providencialista que se fazia presente na concepção de tempo e de história europeia. Portanto o continente aqui inventado é uma continuidade da concepção de mundo preexistente de Enrico Martínez, visto que foi temporalmente e espacialmente inserida nos moldes teóricos da perspectiva do cosmógrafo sem nenhum tipo de grande revolução nos quadros já determinados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho se propôs a examinar uma ideia de América dentro da cosmografia e da história escritas por Enrico Martínez no *Repertorio de los tiempos, y historia natural desta Nueva España*. O que ficou evidente foi o esforço do autor em transpor os quadros da ciência europeia para o Novo Mundo. Apesar de ter optado pela centralidade da Nova Espanha na narrativa, os elementos diferenciais da região em relação ao conhecimento europeu são em maior parte desconsiderados. A única exceção é a admiração que Martínez demonstra pelos calendários mexicas. Assim buscamos observar a forma como determinava-se espacial e temporal o continente americano dentro desses quadros, visto que essa era a questão revolucionário com a qual se confrontaram os letrados europeus. Nosso cosmógrafo foi um desses sujeitos que incorporou o Novo negando de forma mínima o conhecimento tradicional que compunha a cosmografia espanhola.

Enrico Martínez é um dos *experts* que no Novo Mundo reafirma suas crenças, como pode ser observado nos presságios que o autor apresenta nos antecedentes da Conquista e nos quadros ideológicos que podem ser vistos ao longo dos tratados especificamente cosmográficos desenvolvidos no *Repertorio de los tiempos*. Analisando a obra do cosmógrafo, dentro do grande empreendimento orquestrado pela monarquia católica nos séculos XVI e XVII, é possível atestar a intenção do indivíduo em transmitir os saberes europeus para o Novo Mundo. Destacamos aqui os conhecimentos referentes a astronomia e astrologia, que na cosmografia são as áreas que influenciam os mais diversos aspectos da vida, desde a agricultura até a medicina por exemplo.

Quando se trata dos aspectos cosmográficos o autor é extremamente ortodoxo a tradição que remonta a Ptolomeu. Por exemplo, sua resposta teológica para o problema da existência de habitantes na América, que contradizia a tradição bíblica sobre a história de Noé no livro do Gênesis, é definir que existe uma semelhança entre os indígenas e os habitantes de uma província que hoje corresponde a Polônia. Logo, as origens das civilizações indígenas são colocadas dentro das linhagens de Noé, sendo que eles devem ter migrado em algum momento do passado para o Novo Mundo, o que implica também na forma como o autor imagina as dimensões do globo e a disposição dos continentes para que fosse possível tal fluxo migratório. Essas e outras passagens são criticadas por alguns de seus leitores americanos, especialmente Chimalpahin (GRUZINSKI, 2014, p.147).

Sobre a história da Nova Espanha é importante destacar a noção providencialista, atrelada a um aspecto religioso, contida na narrativa. Não só pelo que se refere a Conquista em si, mas a ideia de verdade católica atesta a inserção do autor na lógica universal que almejava a monarquia Católica. Isso é evidente quando somamos os presságios do evento que já se passou com os presságios a respeito do futuro, a queda do Império Otomano.

Assim, perante os dilemas cosmográfico que fizeram parte do processo de *invenção* da América, Enrico Martínez é um dos intelectuais cuja postura perante o novo não se desenvolve de forma maleável e aberta a novos saberes, mas sim como uma reafirmação de sua posição e seus saberes europeus.

No capítulo I buscamos demonstrar essa postura ao situar a sujeito de Enrico Martínez dentro do quadro mais amplo imposto aos letrados europeus pelas Grandes Navegações. Nesse sentido nosso cosmógrafo se difere de alguns de seus célebres colegas, como Mercator ou André Thévet, pela dita modéstia em suas afirmações quanto a cosmografia e a imagem de mundo. Através do capítulo II visou-se reforçar essas noções demonstrando como algumas figuras célebres e autoridades de seu tempo receberam o *Repertorio*, assim como indicar de onde provinham as ideias de Martínez, especialmente visto que foram poucas suas contribuições originais. Dessa forma estabelecemos a perspectiva do autor dessa obra, de forma que o capítulo III pudesse explorar diretamente o conteúdo e em especial os problemas de ordem cosmográfica e teológica confrontados por Enrico Martínez. Com isso restou enquadrar um *ser* para a América, logo questionamos: Qual o sentido da América pode ser determinado através da análise do *Repertorio de los tiempos, y historia natural desta Nueva España*?

Ontologicamente, no que compete a determinar a identidade por si só desse *ser*, não há qualquer elemento significativo que já não estivesse pré-definido na ocasião da escrita dessa obra. Porém ao observar as qualidades que compõem o ser em questão, como evidenciamos pela inserção da América espacial e temporalmente nos quadros ideológicos de Martínez, a existência do *Repertorio* atesta para um debate maior quanto aos elementos que construíram a ideia de América nesse caso em particular. Tal problema pode e deve ser levado para outras situações ao longo da história.

Portanto entendemos que o processo de invenção se estende para além dos primeiros anos que sucederam a primeira viagem de Colombo. Tal análise é possível e necessária pela permanência dos debates e problemas anteriormente mencionados. Entende-se aqui que o processo que culminou na publicação do *Repertorio* operava

através da absorção do Novo dentro dos quadros ideológicos já estabelecidos entre os letrados europeus. Ainda assim, apesar da continuidade presente nesse caso, as possibilidades abertas pela extensão da ideia de *invenção* são inúmeras e podem enriquecer um quadro de idas e vindas, invenções e reinvenções, quanto a determinação da ideia de América, seja de maneira eurocêntrica, como foi o trabalho de Enrico Martínez, ou através de autores de aspirações majoritariamente americanas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fonte, 2007.

ACOSTA, José de. *Historia natural y moral de las Indias*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1999. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc571b4>

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Revista de História (UFES)*, v. 24, p. 157-172, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996a, p.183-191.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP. Papyrus, 1996b.

BRAMBATS, Karl. Enrico Martínez, the brown-skinned Courlanders, and American Indian origins. *Journal of Baltic Studies*, v. 17, n. 2, p. 108-124, 1986.

BROTON, Jerry. *Uma história do mundo em 12 mapas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BUISSERET, David. Spanish Colonial Cartography, 1450–1700. In: WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography: cartography in the european renaissance*. Chicago: The University Of Chicago Press, 2007. p. 1143-1171. Disponível em: https://press.uchicago.edu/books/HOC/HOC_V3_Pt1/HOC_VOLUME3_Part1_chapter_41.pdf.

CASTELAO, Ofelia Rey. Pessoas e bens em circulação (1492-1750). In: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge; FERNANDES, Luiz Estevam de O.; BOHN-MARTINS, Maria Cristian (org.). *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750) Vol.2*. Curitiba: Editora Prisma, 2018. p. 101-145.

CERQUEIRA, André Sekkel; MEGIANI, Ana Paula Torres. Como se escrevia a história no século XVII. *Revista de História*, [s.l.], n. 179, p. 01-32, 6 fev. 2020.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHARTIER, Roger. “Textos sin fronteras.” In____: *La mano del autor y el espíritu del impresor: Siglos XVI-XVIII*. Buenos Aires: Eudeba/Katz Editores, 2016.

CHAUNU, Pierre. *Conquista e exploração dos novos mundos (século XVI)*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CONRAD, Sebastian. *Historia Global: Uma nova visão para o mundo atual*. Barcelona: Editorial Crítica, 2017.

CONRAD, G. W.; DEMAREST, A. *Religião e império: dinâmica do expansionismo azteca e inca*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

CORNFORD, Francis. "O sistema de Anaximandro". In: ____, *Principium sapientiae*. Lisboa: Caloute Gulbenkian, 1987. p. 257-303.

CORTÉS, Martín. *Breve compendio de la esfera y de la arte de navegar con nuevos instrumentos y reglas ejemplificado con muy sutiles demostraciones*. Alicante Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2018. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0935769>.

COSGROVE, Denis E.. Images of Renaissance Cosmography, 1450–1650. In: WOODWARD, David (ed.). *The History of Cartography: cartography in the european renaissance*. Chicago: The University Of Chicago Press, 2007. p. 55-98. Disponível em: https://press.uchicago.edu/books/HOC/HOC_V3_Pt1/HOC_VOLUME3_Part1_chapter_3.pdf

DOMINGUES, Beatriz Helena; SANTOS, Breno Machado dos. Entre textos, contextos e epistemologias: apontamentos sobre a "Polêmica do Novo Mundo". In: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge; FERNANDES, Luiz Estevam de O.; BOHN-MARTINS, Maria Cristian (org.). *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750) Vol.1*. Curitiba: Editora Prisma, 2017. p. 317-359.

DUSSEL, Enrique. *1492 El encubrimiento del Otro: hacia el origen del "mito de la modernidad"*. La Paz: Plural, 1994.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Os desbravadores: uma história mundial da exploração da Terra*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

FONTES, Bruna Braga; LIMA, Verônica Calsoni. Entre a História, a Literatura e a Bibliografia: a Interdisciplinaridade da História do Livro. *Revista Discente Ofícios de Clio*, v. 3, p. 38-52, 2018.

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: História de uma mundialização*. São Paulo: Edusp, 2014.

KALIL, Luís Guilherme Assis. *Filhos de Adão: análise das hipóteses sobre a chegada dos seres humanos ao Novo Mundo (séculos XVI e XIX)*. 2015. 194p. Tese (doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281179>. Acesso em: 20 mai. 2020.

KALIL, Luis Guilherme Assis; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. "A historiografia sobre as crônicas americanas: a criação de um gênero documental". In: KALIL, Luis Guilherme Assis; KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; DOMÍNGUEZ, Lourdes. (Org.). *Cronistas do Caribe*. 1ed. Campinas: Unicamp - IFCH, 2012, p. 47-70.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

LESTRINGANT, Frank. *A oficina do cosmógrafo, ou a imagem do mundo no Renascimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2009.

MARQUESE, Rafael de Bivar; DA SILVA JÚNIOR, Waldomiro Lourenço. Tempos históricos plurais: Braudel, Koselleck e o problema da escravidão negra nas Américas. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 11, n. 28, dez. 2018. ISSN 1983-9928. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1363>.

MATHES, Valerie L.. Enrico Martínez of New Spain. *The Americas*, v. 33, n. 1, p. 62-71, jul. 1976. Cambridge University Press (CUP).

MATHES, W. Michael. To Save a City: the desague of Mexico-huehuetoca, 1607. *The Americas*, v. 26, n. 4, p. 419-438, abr. 1970. Cambridge University Press (CUP).

MARTÍNEZ, Enrico. *Reportorio de los Tiempos e Historia Natural de Nueva España*. int. MAZA, Francisco de la. Mexico: Secretaria de educación pública, 1948.

MOTOLINÍA, Toribio Benavente. *Historia de los Indios de la Nueva España*. CASTANY, Bernat; SERNA, Mercedes (eds.). Madrid: Real Academia de La Lengua Española - Centro de Edición de Los Clásicos Españoles, 2014.

MURGUÍA, Luis Alberto M. D. Viagens e encontros de José de Acosta: uma nova visão para o estudo de sua vida e obra. In: VII ENCONTRO DA ANPHLAC, Campinas, 2006. *Anais eletrônicos do VII Encontro da Anphlac*. Disponível em <https://www.anphlac.org/encontros>. Acesso em: 19 de mai. 2020.

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do novo mundo e do sentido do seu devir*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

LEÓN PORTILLA, Miguel. *Visión de los vencidos*. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 2003.

REIS, Anderson Roberti dos. Da idolatria indígena a conversão cristã no México do século XVI: uma análise da obra do frei Toribio Motolinia. 2007. 230 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279801>. Acesso em: 15 mai. 2020.

REIS, Anderson Roberti; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. *Ideias*, Campinas, v. 2, n. 13, p. 25-41, 2006.

RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROSENBERG, Daniel; GRAFTON, Anthony. *Cartographies of time*. New York: Princeton Architectural Press, 2010.

SÁNCHEZ, Carlos Alberto González; RAMÍREZ, Pedro Rueda. Saberes e livros no mundo atlântico: intercâmbio cultural na Carrera de Indias. In: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge; FERNANDES, Luiz Estevam de O.; BOHN-MARTINS, Maria Cristian (org.). *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)* Vol.1. Curitiba: Editora Prisma, 2017. p. 277-316.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.

PORTUONDO, María M. *Secret science: Spanish cosmography and the new world*. University of Chicago Press, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *Questão de método*. In: Col. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SANDOVAL, Prudencio de. *Historia de la vida y hechos del emperador Carlos V. maximo: fortissimo, rey catholico de España, y de las Indias, islas, y tierra firme del mar oceano*. Vol 1. Amberes: Imprensa de Geronymo Verdussen, 1681.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Vol. 258. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

WOODWARD, David. Medieval Mappaemundi. In: HARLEY, J. B.; WOODWARD, David. *The History of Cartography: cartography in prehistoric, ancient, and medieval europe and the mediterranean*. Chicago: The University Of Chicago Press, 1987. p. 286-370.
Disponível em:
https://press.uchicago.edu/books/HOC/HOC_V1/HOC_VOLUME1_chapter18.pdf

ZAMORANO, Rodrigo. *Chronología y repertorio de la razón de los tiempos*. Sevilla: Imprensa de Rodrigo Cabrera, 1594.